



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**ENCONTROS e DESENCONTROS políticos entre a Liga da Juventude do
MDM e os jovens**

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos Para a Obtenção do
Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

Isac Jaime Guilengue

Supervisor:

Dr. Baltazar S. Muianga

Maputo, Março de 2015

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**ENCONTROS e DESENCONTROS políticos entre a Liga da Juventude do
MDM e os jovens**

Autor:

Isac Jaime Guilengue

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos para a Obtenção do
Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor:

Dr. Baltazar S. Muianga

O Júri

O presidente:

O supervisor:

O oponente:

(Dr. Book Sambo)

(Dr. Baltazar Muianga)

(Dr. João Colaço)

Maputo, Março de 2015

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Isac Jaime Guilengue, declaro por minha honra que o presente trabalho de fim de curso de Licenciatura em Sociologia, nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer outro grau académico, daí que os resultados desta pesquisa, constituem fruto da minha investigação pessoal, estando indicadas na bibliografia todas as fontes por mim utilizadas no decorrer do trabalho de pesquisa.

(Isac Jaime Guilengue)

DEDICATÓRIA

Dedico a todos aqueles que fazem da intelectualidade o fim da realização humana e da construção do conhecimento um sério e verdadeiro engajamento acadêmico-político.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro ao meu supervisor Dr. Baltazar Muanga, que me recebeu e apoiou depois de ter passado por muitas situações com outros docentes a quem também agradeço. Ele sim, assumiu com seriedade e dedicação o meu trabalho, tornando possível a sua realização.

Agradeço os meus pais, Jaime Muando e Eugénia Bato, que estão para além deste mundo, as minhas irmãs Sandra Jaime, Eugénia Jaime e Sílvia Jaime, irmãos Cláudio Jaime e Airton Jaime, que directamente deram-me o apoio material e espiritual para que chegasse onde cheguei. As minhas companheiras Nílvia Joaquim Correia, Selinah Tapua Simango e Lúcia Huo, companheiros do Ildo Macome, Ricardino Zandamela, Celso Vilanculos, Carlos Bantu, Genito Mateus e Abel.

Agradeço aos meus tios e tias, amigos e amigas que directa e indirectamente me apoiaram.

Epígrafe

Não é o caso de que um certo projecto seja absolutamente irrealizável, mas sim que a maioria das pessoas ainda não é capaz de propor-se a sua realização, ou ainda que, de facto seja impossível no momento, embora venha a ser possível amanhã ou depois

Grandes nuvens, com frequência, não produzem mas do que chuviscos, enquanto que, quando menos se espera, de umas poucas gotas nascem dilúvios

(Szachi, 1972)

Resumo

Neste trabalho estudamos a relação entre a Liga da Juventude do partido político, Movimento Democrático de Moçambique (MDM) e os jovens, a quem a Liga da Juventude do MDM procura alcançar com as suas práticas. O nosso objectivo foi de compreender a influência que a forma de construção e categorização do jovem têm sobre essa relação. Desenvolvemos este estudo partindo do pressuposto de que os jovens constroem-se como actores políticos, assumindo uma posição crítica quanto as práticas discursivas desenvolvidas por aqueles que estão interessados em os categorizar dentro da arena política em Moçambique.

Enveredamos por uma triangulação teórica entre a teoria da utopia e ideologia de Mannheim e a construção social da realidade de Berger e Luckmann, o que nos permitiu analisar a construção da categoria jovem, fazendo referência ao facto de se procurar conservar ou modificar a sua situação presente. Realizamos um estudo com uma abordagem qualitativa no qual a dialéctica foi o método central e o estudo de caso a estratégia de investigação. O grupo-alvo foram os representantes Liga da Juventude do MDM e os jovens que têm sido abrangidos pelas práticas desenvolvidas por esta agremiação, pelo que, aplicamos a entrevista semi-estruturada a um total de 15 indivíduos.

A interpretação de dados permitiu-nos afirmar que diferentes categorias de jovem são construídas e estão em jogo na relação entre a Liga Juvenil do MDM e os jovens. Nalguns casos assistimos uma divergência e noutras uma convergência. Entretanto, em todas as situações, a categoria “jovem actor de mudanças”, construída nesta agremiação é interpretada em função das experiências quotidianas que os jovens vivenciam no campo político, influenciando assim, para que nalgumas situações estes se identifiquem com ela e noutras a rejeitem.

Palavras-chave: *categoria social, práticas discursivas, antagonismo.*

Abstract

We study the relationship that the Youth League of the Democratic Movement political party of Mozambique has with youth who seeks to achieve with their practices. The purpose was to understand the influence that the way it is built and categorized the young has on this relationship. We develop this understanding on the assumption that young people are constructed as political actors, assuming a critical position on the discursive practices developed by those who are interested in the categorizing within the political arena in Mozambique. We set by a theoretical triangulation between the theory of utopia and ideology of Mannheim and the social construction of reality Berger and Luckmann, which allowed us to analyze the construction of the young category, referring to the fact that they find or do not store or modify the your present situation. We conducted a study with a qualitative approach in which the dialectic was the main method and the case study of the strategic research. The target group were the Youth League representatives MDM and young people who have been included in practices developed by this college, so we applied the semi-structured interview to a total of 15 individuals. The data interpretation allows us to state that different categories of young are built and are at stake in the relationship between MDM Youth League and youth. In some cases we witnessed a divergence and convergence in another. However, in all situations the category “young actor of change” built this guild is interpreted according to the daily experiences that young people experience in the political field, thus influencing, that in some situations they identify with her and others to reject.

Keywords: *social category, discursive practices, antagonism.*

Índice

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
Epígrafe.....	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Introdução	9
Capítulo I	15
1. Revisão da literatura: da categorização a autoconstrução do jovem.....	15
Capítulo II	22
2. Enquadramento teórico e conceptual	22
2.1. Triangulação teórica: utopia e construção social da realidade.....	22
2.2. Definição e operacionalização dos conceitos	25
2.2.1. Antagonismo	26
2.2.2. Discursos.....	29
2.2.3. Categoria social.....	31
Capítulo III.....	33
3. Metodologia	33
3.1. Princípios éticos	37
3.2. Constrangimento do trabalho e formas de superação	38
Capítulo IV	39
4. Apresentação dos resultados: análise e interpretação	39
4.1. Perfil social e demográfico dos entrevistados.....	39
4.2. Construção da categoria juventude	40

4.2.1. O jovem actor da mudança na sociedade	41
4.2.2. O jovem continuador dos projectos sociais e políticos	45
4.2.3. O jovem reprodutor da moda	48
4.2.4. O jovem actor crítico	51
4.3. Categorização da juventude: práticas discursivas	56
4.3.1. Acções beneficiárias dos jovens	56
4.3.2. Acções de mobilização dos jovens	59
4.4. De jovem para jovem: uma relação antagónica	61
4.4.1. A representação social do jovem como actor da mudança	61
4.4.2. A identificação com o jovem actor de mudança	64
4.4.3. A rejeição do jovem actor de mudanças	67
Considerações finais	70
Referências bibliográficas	73
Anexo	77

Introdução

Com este trabalho analisámos a categorização do jovem na relação entre jovens filiados a uma associação partidária e jovens não filiados. Assumimos, logo a partida, estar conscientes que qualquer estudo que tenha o jovem como seu foco está condenado a esbarrar-se a um conjunto representações, imagens e crenças socialmente construídas e partilhadas na sociedade, o que faz com que seja da responsabilidade de todo o investigador, nesta área, procurar eliminar essas construções.

A ruptura com as representações correntes pode ser uma questão epistemológica geral a todos os trabalhos científicos, mas adquire uma relevância peculiar para estudos desenvolvidos na área da juventude, pois, Pais (1990) nos faz saber que neste campo facilmente ocorre uma generalização da consciência sociológica do jovem, como um objecto reconstruído, vinculado à linguagem comum, às narrativas administrativas e aos discursos políticos. Estes campos de predeterminação da juventude, que minam qualquer investigação que não reconheça a sua existência, sempre estiveram presentes desde o início da produção sociológica em torno do jovem.

Sob ponto de vista histórico e social, Pais (1990) afirma que a juventude tem sido encarada como uma fase da vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados “problemas sociais”. A atribuição da qualidade de irresponsável e desinteressado aos jovens era em função da incapacidade e iniciativa de evitar incorrer sobre problemas, como a dificuldade de entrada no mercado de trabalho que vem sendo o que ganha maior expressão no imaginário social.

A falta de integração profissional conduzia a permanência dos jovens longos períodos sobre dependência dos pais, o que conduz inevitavelmente ao problema da sua emancipação. Pais (1990) afirma que este universo de problemas construído em torno dos jovens fez com que a juventude fosse assumida primeiramente como um problema social¹ que carecia da intervenção do estado. Este universo resume-se em problemas de inserção profissional, das drogas, da delinquência, problemas com a escola e com os pais.

¹ A concepção de problema social se enquadra perfeitamente na construção da juventude como problema social desenvolvida por Machado. Para aprofundar a construção do problema social, assim como sociológico: ver José Rodrigues dos Santos no seu artigo “A propósito das noções de “problema social” e “problema sociológico”, publicado em 1999.

A construção da juventude como problema social antecipa, histórica e socialmente, a sua construção como problema sociológico². Entretanto, uma pergunta foi suficiente para dar a passagem de um nível, de problema, para o outro. Foi suficiente que se questionasse a juventude se sentia os problemas que lhe eram imputados. É lógico que a resposta a esta pergunta passa pela realização de estudos de natureza sociológica que tornam os jovens no ponto de partida e levam a superação de toda a visão estática e homogénea desta categoria social.

É dentro desta ascensão, na construção de uma problemática científica que Mannheim é apontado como o pioneiro da sociologia da juventude. Segundo Weller (2007), este sociólogo desenvolveu o conceito de geração numa perspectiva que faz dele transversal a todos estudos sobre a juventude. A perspectiva construída permitiu fazer uma crítica a falta de unidade na análise do problema das gerações, de pesquisas consistentes sobre o tema e a prevalência de uma “perspectiva estática” nas pesquisas sociológicas sobre grupos humanos, para, em seguida, apresentar alguns conhecimentos relativos ao fenómeno das gerações.

O conceito de geração fez com que as condutas “homogéneas” dos jovens acabassem por, então, ceder o lugar à uma *heteronímia*, que resultava da confluência de perspectivas discursivas com origem nos meios de comunicação, nos discursos políticos, discursos administrativos, no senso comum, até mesmo nos da sociologia que transformam estes diferentes discursos em seu objecto de estudo. É importante recordar que Giddens (1991) aponta para o facto de o conhecimento sociológico ser imediatamente consumido e transformado pelos indivíduos, numa plataforma com base na qual tomam suas decisões e orientam suas acções quotidianas. O que quer dizer que a sociologia cambia o seu produto com os discursos das diferentes fontes dentro da sociedade.

Se olharmos para o interior dos trabalhos sociológicos mais recentes, é fácil ver como a heterogeneidade constituiu a sua característica dominante. Dando um exemplo, Pais (1990) afirma que enquanto alguns estudos vêm defendendo a passagem de uma socialização dos jovens de produção para os jovens de consumo, outros defendem, dentro da sua nostalgia, que os indivíduos desta categoria são afectados pelo desencantamento e passividade.

De modo algum esta falta de encontro entre os estudos do jovem pode produzir um espírito fatalista, da possibilidade de se compreender efectivamente a juventude, desanimando a

² Ibidem (para a noção de problema sociológico)

investigação, pois, esta dispersão reflecte de um lado uma unidade tributada a Mannheim e do outro lado a própria realidade social que revela-se tão dinâmica e tão cheia de sentidos que complementam-se e antagonizam-se simultaneamente. Os princípios mannheimianos unem todos os estudos da sociologia da juventude realizados depois dele, mesmo dos autores que não tenham consciência dessa influência ou que o tenham criticado, ao demonstrar que as gerações reconstróem e constroem suas próprias categorias e estão condenadas a conviver com outras categorias construídas por outras gerações com as quais coexistem.

Dentro desta breve reconstrução histórica, vemo-nos coagidos, seja pela sua incontornabilidade ou pela nossa própria inclinação teórica, a remontar a Mannheim para desenvolvermos este trabalho que tem como foco, como afirmámos logo no início, a construção do jovem num contexto permeado pelo entrecruzamento de diferentes discursos categorizantes. Especificamente, estudamos a relação entre as categorias de jovem e as práticas políticas que intermedeiam a relação entre os jovens.

Delimitando a realidade sobre a qual incidimos neste estudo, sob ponto de vista do universo espaço-temporal, seleccionamos o caso da Liga da Juventude do partido Movimento Democrático de Moçambique (MDM) e o período que vai de 2008 á 2014, respectivamente. Escolhemos este caso por se tratar de uma agremiação cujo partido de pertença, além de propalar discursos que defendem a sua preocupação com os jovens, procura afirmar-se contra os discursos de outros partidos até então vigentes na arena política, o que lhe confere uma particularidade. Quanto ao período, este representa toda a vida da liga, o que levantou o interesse em abarcar as dinâmicas vivenciadas ao longo deste tempo.

O grupo-alvo do estudo foi constituído por jovens da Liga da Juventude do MDM que fazem parte desta, desde a sua génese até a actualidade. Temos ainda, como grupo-alvo, jovens residentes nalguns bairros da província de Maputo (zona rural e urbana) que têm sido alvo das práticas desenvolvidas pela liga juvenil do partido em questão. Seleccionamos estes jovens pelo facto de já terem estabelecido um contacto directo com a liga, o que lhes coloca em melhores condições de conceder informação para a análise da relação sobre a qual incidimos.

O empreendimento que realizamos, sobre a relação entre uma agremiação partidária e os jovens, insere-se num debate já levantado por outros estudos, o que faz com que seja a partir dos autores

destes que construímos nosso problema de pesquisa. Duas limitações que identificamos na revisão da literatura embaçam a construção do problema deste estudo. A primeira é que os estudos identificados foram desenvolvidos em contextos espaço-temporais particulares, pois, tratando-se de uma realidade, a do quadro de referência do jovem em constante transformações, é relevante que as explicações que a reflectem sejam constante e continuamente reavaliadas em função do estágio actual das gerações. Rodrigues (2008) já tinha defendido a necessidade de localizar em contextos sociais específicos as categorias dos jovens.

No segundo ponto referimo-nos ao facto de nos estudos, como o de Castro (2005, 2005) e Gonzales e Guareschi (2008), que relacionam dialecticamente a juventude com instituições políticas que os procuram categorizar estar implicitamente a ideia da relação entre o jovem e o adulto. Assim, estes estudos não explicam a relação que ocorre de jovem para jovem, o que pode trazer outra dimensão a esta realidade, pois trata-se de indivíduos que podem fazer parte de uma mesma geração. Nos propusemos assim, a contextualizar a juventude na realidade moçambicana e incidir sobre a relação entre os jovens de modo a superar as limitações anteriormente apontadas, pelo que apontamos, como problemática, a sociologia do conhecimento de Mannheim (1951) e Berger e Luckmann (2003). Estes autores levantam a importância de a juventude ter que ser abordada a partir de si mesma, nas suas relações sociais e de considerar que a construção de categorias de referência ocorre numa relação dialéctica. Estes princípios conduzem a necessidade de olhar para o problema das categorias de referência a partir da relação dialéctica que os jovens travam com as associações que também são constituídas por jovens.

Com o intuito de compreender este processo de reconstrução da categoria de juventude e as relações decorrentes no seio dos jovens, o que nos é possível a partir de Berger e Luckmann (2004), que explicam o processo de reciprocidade entre os indivíduos e a sociedade em cada época, nos questionamos sobre *como é que são construídas as categorias de juventude nas associações partidárias e nos jovens? Como é que estas categorias influenciam nas relações entre estes?* Para orientamos o nosso estudo adoptamos como resposta a este problema a seguinte ideia: *as associações juvenis partidárias constroem o jovem como uma categoria passiva sobre a qual devem intervir, o que resulta em relações antagónicas com os jovens que se auto-constroem a partir de uma identidade de actor político, adoptando um posicionamento crítico, face as práticas desenvolvidas sobre si.*

Sob ponto de vista da *relevância do estudo* da categorização do jovem, podemos apontar alguns pontos que justificam a sua escolha. As condições das sociedades contemporâneas oferecem um óptimo campo de estudo para temas desta natureza. De acordo com Touraine (2006), estas sociedades vivenciam uma busca de imposição de representações por parte das instituições políticas e uma rejeição destas representações do lado dos indivíduos que procuram construir-se como actores sociais, defensores da sua autonomia. Estas indicações introduzem a relevância da problematização da realidade política nacional na qual assistimos, de um lado, a insistência de diferentes partidos políticos na sua grande preocupação com o jovem e, do outro lado, as crescentes possibilidades de os jovens poderem exprimir-se de forma aberta no seu não-alinhamento político.

Ao buscarmos olhar para esta realidade estamos a elucidar as categorias dos jovens em causa, contribuindo para a superação de todas as receitas interpretativas pré-construídas, valorizando a perspectiva dos próprios actores envolvidos. As condições teóricas da relevância do tema estão sintetizadas em Touraine (2006), que chama atenção para a necessidade de o pensamento sociológico reactualizar as suas categorias analíticas de modo a dar conta das exigências interpretativas das realidades de hoje. Ao buscarmos o quadro teórico de Mannheim (1951) e Berger e Luckmann (2004) estamos a dar seguimento a esta exigência, buscando explorar nos indivíduos a sua dimensão de actor que se actualiza continuamente ao longo da sua relação com aqueles que tentam impor suas categorias. Trazemos um diálogo entre estes teóricos tendo como base as transformações sofridas pela sociedade moçambicana. Partimos do caso da associação juvenil do MDM, como um partido com poucos anos de vida, comparativamente a outros partidos de grande expressão na arena política nacional.

Deste modo, compreendemos, sem reservas, que para que essas contribuições sejam possíveis por meio deste estudo é relevante que os objectivos conduzam a esse sentido. Sendo assim, objectivo geral é de compreender a construção de categorias de juventude e sua influência nas práticas levadas a cabo em relação aos jovens. Para a plena satisfação deste objectivo construímos como objectivos específicos, identificar as categorias de juventude construídas nas associações partidárias, identificar as práticas adoptadas pelas associações partidárias em relação aos jovens, descrever a influência que as categorias de juventude têm nas práticas adoptadas em

relação aos jovens e descrever as reacções dos jovens às práticas desenvolvidas pelas associações partidárias.

O trabalho está organizado em capítulos. Apresentamos no primeiro capítulo a revisão da literatura, onde, com recurso a recolha bibliográfica, desenvolvemos uma discussão em torno da forma como tem sido abordada a realidade do jovem em diferentes contextos. Esta discussão permite a construção do nosso problema de pesquisa. No segundo capítulo trazemos o enquadramento teórico e conceptual no qual escolhemos, apresentamos e justificamos a opção pela triangulação teórica, definimos e operacionalizamos os conceitos de antagonismo, discurso e categoria social. No terceiro capítulo apresentamos a metodologia dentro da qual definimos e justificamos as escolhas dos métodos e técnicas para a realização deste trabalho, definimos a nossa opção pela abordagem qualitativa e pela estratégia do estudo de casos, trazemos como método de abordagem o dialéctico, como técnica de recolha de dados a entrevista semi-estruturada e a convencional de definição e identificação do nosso grupo-alvo. No quarto capítulo apresentamos a análise, interpretação e discussão dos dados de campo. O conteúdo deste capítulo é constituído pelo perfil sócio-demográfico dos entrevistados; pelas categorias de jovens construídas; pelas práticas discursivas desenvolvidas pela Liga da Juventude do MDM e pela análise da relação entre esta agremiação e os jovens por ela abrangidos. Na parte final, sem no entanto constituir um capítulo, apresentamos as considerações finais onde concatenamos todos aspectos constituintes deste trabalho, desde a proposta que trouxemos na introdução ao que foi analisado, interpretado e discutidos ao longo do desenvolvimento. Como elementos pós-textuais, apresentamos as referências bibliográficas de todos os estudos, artigos e obras que foram por nós usadas e o guião de entrevista.

Capítulo I

1. Revisão da literatura: da categorização a autoconstrução do jovem

Assiste-se uma crescente preocupação no que diz respeito ao estudo da juventude, no campo das ciências sociais, pelo que, existe uma gama de estudos desenvolvidos em torno desta categoria. Porém, com o objectivo de dar um suporte ao nosso problema de pesquisa procuramos especificar os estudos que trazemos nesta revisão. Limitamo-nos a estudos desenvolvidos em torno da categorização dos jovens e a relação entre as entidades categorizantes e os jovens.

Organizamos os estudos que trazemos em três abordagens. A primeira, de estudos que analisam a categorização de forma unilateral sem se preocupar com a reacção dos jovens, é definida por Rodrigues (2008) e Gonzales e Guareschi (2008). Na segunda defende-se que os jovens reproduzem as categorias impostas, onde destacamos Esteves e Abramovay (2007). A terceira estuda a categorização da juventude, defendendo que os jovens interpretam e opõem-se às categorias impostas e é representada por Amaral (2011), Augusto (2008), Castro (2005, 2005) e Biza (2007, 2009).

Na primeira abordagem apresentamos estudos de Rodrigues (2008) e de Gonzales e Guareschi (2008). O primeiro autor desenvolveu um estudo que teve como campo pesquisa alguns países da América Latina e outros da Europa com o tema, “Juventude e políticas públicas na América Latina e Europa”, com diferentes olhares, diferentes acções, partindo do postulado segundo o qual qualquer proposta de categorização dos segmentos juvenis parece irremediavelmente atada às formas pelas quais a juventude é representada no imaginário social. Para o autor, existe no seio dos partidos políticos, a partilha de concepção paternalista da disciplina social quando a questão é a juventude. Esta concepção conduz a um conjunto de práticas governantes diante dos jovens que tem em vista, a resolução dos seus problemas. Porém, não são as únicas, havendo outras que não achamos pertinente trazer aqui.

Seguindo a lógica da relação entre as categorias dos jovens e as práticas desenvolvida sobre estes, afirma-se, no estudo anterior, que “a ideia central da forma de categorização das perspectivas de juventude aqui propostas é aclarar os motivos pelos quais as políticas públicas

destinadas aos jovens são tão diversas entre si, ainda que contemplem o mesmo grupo geracional” (Rodrigues, 2008, p. 188)

Neste estudo conclui-se que a categorização das perspectivas ou concepções de juventude aqui propostas evidencia uma relação estreita entre o “olhar” institucional e governamental sobre a juventude e os processos de construção das políticas destinadas a esse grupo geracional.

Por sua vez, Gonzales e Guareschi (2008), no seu trabalho, *Discursos sobre a juventude e práticas psicológicas: a produção dos modos de ser jovem realizado no contexto brasileiro*, partem do princípio de que cada época profere discursos relativos aos seus jovens que denotam modelos e expectativas que irão produzir formas de ser e agir a partir de interesses do momento histórico, cultural e social vigente. Com o objectivo de compreender as diferentes concepções de juventude, os autores afirmam que a dado momento os jovens foram construídos como o futuro do amanhã, sendo que posteriormente foram concebidas categorias como “proibido proibir” e “revolução do desejo”. Neste contexto de transformação e reconstrução da categoria de jovem, os autores chamam atenção para o momento no qual se constrói o jovem, associando-o a violência. Essa associação produz todo um aparato de legitimação de um discurso a partir de instituições públicas (Sposito apud Gonzales e Guareschi, 2008). Contudo, na contemporaneidade a juventude vem vinculada ao chamado período de educação formal e de entrada das pessoas no mundo do trabalho.

Ainda, de acordo com Ganzales e Guareschi (2008), a construção da categoria de juventude é feita a partir de um conjunto de prescrições inerentes que actuam no que Foucault (1999) chamou de corpo político por meio de técnicas, ferramentas conceptuais, sistemas de julgamento. Assim, o mesmo acontece no campo da psicologia. Deste modo, conceber o ser ou estar jovem, implica a incorporação das categorias sociais construídas, formalizadas e legitimadas que são transmitidas e impostas aos jovens no sentido de exercer um certo controlo sobre estes.

Estes estudos não procuram explorar o processo de categorização sob ponto de vista da relação entre grupos diferentes no sentido de mostrarem o processo de imposição, aceitação, rejeição ou submissão. Assim, a sua preocupação é revelar que a sociedade é constituída por categorias e por processos de categorização. Ao contrário das duas abordagens que discutimos que incorporam estudos que analisam a categorização da juventude sob ponto de vista de uma relação dialéctica.

A segunda abordagem é representada por estudos de Esteves e Abramovay (2007), que tem como ideia base, a de que os indivíduos reproduzem as categorias da juventude impostas na sociedade. Estes autores realizaram o seu estudo com o tema, Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas, dentro do contexto brasileiro, com o objectivo de compreender como os jovens se auto-constroem.

Citando autores como Pais (1994), Esteves e Abramovay (2007) reconhecem que sob ponto de vista da construção exterior, isto é, dos outros de fora, existe um conjunto de categorias que pretendem definir o que é ser jovem, numa, noutra ou dentro de uma mesma época. Identificação e categorização de jovens, como aquele grupo de indivíduos homogêneos ou jovens como aqueles difusos em suas formas de se apresentar. Estes são grupos de categorias que contêm outras subcategorias, fazendo com que haja a coexistência de diferentes formas de se referenciar o jovem.

Para os autores, invertendo o sentido da categorização, torna-se pertinente captar dos próprios jovens a sua auto-categorização. É neste sentido, seguido pelo estudo, que se constata que os jovens se definem mais pela moda e pela aparência. Estes são os principais indicadores identificados, como os operacionalizados pelos jovens para se definirem e se contraírem como parte desta categoria. Em seguida, na hierarquia dos elementos usados pelos jovens para se categorizarem, estão, a tomada de consciência, a responsabilidade e o compromisso com a própria juventude, no sentido de participar da sua construção e do seu destino. Na última posição está o recurso a vulnerabilidade para definir o jovem.

A primazia da moda, como indicador da categorização dos jovens, está associada a um conjunto de mudanças nas sociedades que levam a sua valorização, apontando-se como principal factor dessas mudanças, o poder comunicacional da indumentária, despertadas em várias áreas de conhecimento, como no cinema, na arte, na música. Na sociedade de consumo, como as contemporâneas, a moda é apresentada como fomentadora dos valores positivos dos jovens, como a liberdade, a capacidade de criação e a audácia. Margulis e Urresti (1996), afirmam que a moda idealiza e reedifica aspectos corporais que o passar do ano modifica, construindo publicamente um imaginário sobre a juventude somente composta de saúde e felicidade.

Estas constatações levam Esteves e Abramovay (2007, p.36) a inferir que os jovens que se definem por meio da moda buscam pertença, reconhecimento e legitimidade. “Procuram ser aceites, fazer parte de certos grupos, afirmando sua identidade social. Querem adequar sua maneira de vestir, de falar e de se expressar, suas preferências musicais e sua linguagem corporal às exigências do meio social em que tem vontade de se incluir”.

Na terceira abordagem encontramos estudos dos autores, Amaral (2011), Augusto (2008) e Castro (2005). Estes três autores partilham a ideia de que a categorização da juventude pressupõe um processo de antagonismo, no qual os jovens aparecem como actores sociais que constroem suas próprias categorias de referência, não incorporando de forma acrítica o que lhes é imposto.

No seu estudo, *Culturas juvenis e experiência social: modos de ser jovem na periferia desenvolvimento em Porto Alegre em Brasil*, Amaral (2011), visando compreender as culturas juvenis, nas quais os jovens extraem categorias de sua construção vai constatar a semelhança do estudo anterior que a maneira de vestir ocupa um lugar central na categorização do jovem. Mas, diferentemente dos jovens estudados por Esteves e Abramovay (2007), estes definem-se pela moda não como um elemento de homogeneizador mas diferenciador, definindo modos extravagantes de adornar o corpo. São dois estudos realizados, ambos no contexto brasileiro, mas que identificam tendências divergentes de se apresentar dos jovens.

Ao mesmo nível da roupa está o recurso a linguagem, como indicador para sua definição. Os jovens da periferia fazem uso corrente de gírias, a partir das quais nomeiam-se uns aos outros e o seu meio social. A linguagem estabelece uma relação entre esta categoria e a televisão, o cinema e a música que servem de meios de definição de grupos de pertença, com base na partilha de referência comuns. O contacto com entre os jovens da periferia e as fontes de artefactos culturais permite-lhes construírem de forma diferente, no centro da cidade, onde a moda ocupa um lugar central, impulsionada pelo consumo estimulado pela publicidade. Nestes termos, os quadros de referência partilhados no seio das práticas culturais dos jovens, parte da construção de um modelo de juventude que assume uma posição crítica, em relação às formas exteriores de sua categorização.

No contexto português destacamos o trabalho de Augusto (2008), que se dedicou ao estudo do tema, *A juventude e a(s) políticas (s): desconstitucionalização e individualização*, onde partiu do

princípio de que, hoje se assiste a um considerável afastamento dos jovens em relação a vida política. Este comportamento conduz a categorização da classe jovem, a partir de atributos como “fútil, indigente, pouco trabalhadora, ineficiente, incompetente, ameaçadora, depravada, hedonística, etc.” (Mizen, 2002, p. 5 apud Augusto, 2008, p 156).

Neste sentido, assiste-se a construção do jovem culpado pelo esvaziamento político. Defendendo uma ideia contrária, Augusto (2008) afirma que a juventude deve ser vista como categoria que possa ser parte integrante e activa da mudança política e não apenas um objecto de reprodução das regras do sistema político. Ao assumir esta afirmação, o autor lança um olhar crítico para os discursos políticos e sociológicos de categorização dos jovens.

No que concerne aos estudos que exploraram a construção da categoria de jovem trazemos os trabalhos de Castro (2005, 2005) e de Gonzales e Guareschi (2008) para a discussão. Enquanto o primeiro defende que as visões sobre os espaços, rural e urbano é que informam os discursos sobre o jovem os outros defendem que estes discursos resultam da imposição de cada campo autónomo³ onde os discursos são construídos e legitimados.

Castro (2005), no seu estudo, *Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem realizado na realidade brasileira, especificamente no Rio de Janeiro*, onde pretendia analisar a “categoria rural”, no sentido da sua construção como categoria de pensamento nas relações de pais/filhos e jovens/adultos afirma que esta relação é dominada pelo que a autora designa de “autoridade paternal”, que se perpetua por meio de mecanismo de controlo dos jovens. É através de afirmações como, que os jovens são vistos como desinteressados em relação ao futuro, por outra, eles afirmam que sua participação no debate colectivo é limitada, que os pais procuram exercer controlo sobre os filhos. Neste sentido, os pais procuram a todo o custo retardar a entrada dos filhos na vida adulta, seja por meio da sua infantilização, seja por meio da intervenção no seu futuro, na escolha do seu/sua marido/esposa. Castro (2005) aponta que a não passagem absoluta do capital de pai para filhos constitui outra forma de exercício do controle.

³O conceito de campo autónomo é implemento no sentido foucaultiano, de uma unidade e sistema de categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados. Ver: FOUCAULT, Michel (1969). *Arqueologia do saber*, Forense-Universitária, Rio de Janeiro, Traduzida por Luiz Felipe Neves, 1987.

Deste modo, a forma como é construída a categoria de jovem na relação filho/pai influencia nas práticas que são levadas a cabo em torno dos jovens, sendo que dentro da família ocorre o que o autor designa de retardamento da passagem para a vida adulta. A categoria jovem constitui um quadro referencial para a forma como se relacionar com os indivíduos desta categoria. Este é um posicionamento ideológico que os pais tomam em relação aos seus filhos, impedindo que estes se libertem do seu domínio.

Num outro trabalho, dentro do mesmo contexto, com o tema “Processos de construção da categoria juventude rural como actor político: participação, organização e identidade social, Castro (2005) partiu do princípio de que os movimentos sociais rurais estão hoje a organizar-se a partir da identidade (categoria) juventude e apresentando-se como actor político. Deste modo, não obstante se reproduza no seio dos jovens as relações de autoridade e subordinação, os jovens procuram reinterpretar e construir outra categoria de si.

Já o estudo de Biza (2009) que é retirado directamente do contexto moçambicano tem como título, *Jovens e associações em Moçambique: motivações e dinâmicas actuais*, com objectivo identificar as motivações de engajamento dos jovens nesses agrupamentos. O autor distancia-se das abordagens “simplistas e generalizadas que vêem os jovens como actores passivos e vítimas da manipulação dos adultos e da sociedade”, para concebê-los como “actores agenciadores com possibilidades de criar espaços de engajamento e agir como indivíduos ou grupos para assegurar a sua participação e a sua legitimação a partir da leitura e consideração que fazem da sua experiência social e dos constrangimentos com os quais se confrontam no quotidiano” (Honwana e De Boeck, 2000, p. 5 – 11 apud Biza, 2009, p. 384).

Os dados discutidos por Biza (2009), quanto as motivações, revelam a existência dum fosso entre o que se afirma ao nível discursivo e o que ocorre efectivamente ao nível das práticas sociais. Nesta constatação, o autor afirma que ao nível do discurso, os jovens afirmam que se associam, como uma forma de buscar a legitimação política em resposta a um discurso que os considera passivos e pouco intervenientes na solução dos problemas que os afectam, em particular e a sociedade no geral. Porém, a realidade revela que aderir a uma associação significa maiores possibilidades de aceder e controlar recursos e capitais diversificados como emprego/profissão, dinheiro, trabalho, poder, reconhecimento e prestígio, formações entre outros que de outra forma não seria possível. É pelo alcance destes interesses que os jovens se submetem estrategicamente.

Reproduzindo o mesmo argumento, Biza (2007) que analisa, noutro trabalho, a relação entre as associações juvenis, o Estado e os restantes actores políticos em Moçambique, constatando que numa primeira fase esta relação constitui uma herança histórica, do período imediato após a independência do país, que levou os jovens a experimentarem uma ambivalência, resultando no seu conformismo, obediência, dever e gratidão que chegou a colaboração e assédio político das suas lideranças. Ainda assim, o autor afirma que se deve ver que o paternalismo do Estado encontra uma massa crítica no seio das acções a quem pretende dominar e manipular.

Aos discutirmos os estudos que apresentamos nas três abordagens, estamos em condições de assumir a nossa posição. A primeira abordagem oferece uma base a partir da qual podemos reconhecer a presença da categorização nos diferentes espaços da sociedade, pelo que, olhamos para as suas constatações como ponto de partida. Quanto a segunda e terceira abordagens, não temos necessidade de escolher uma ou outra, pois ambas reflectem o sentido que uma relação de antagonismo.

De acordo com Mendonça (2012), o antagonismo pode levar ao processo de identificação, integração ou mesmo de rejeição. É um processo dialéctico por excelência. Assim, a reprodução de categorias (Esteves e Abramovay, 2007) e sua rejeição (Amaral, 2011; Augusto, 2008; Castro (2005) são duas faces de uma mesma moeda. Deste modo, podemos compreender as contradições, separações e aproximações entre os estudos desenvolvidos em torno da juventude.

Assim, tomando em consideração o facto de olharmos para o jovem como actor social e partimos de um quadro teórico no qual defende-se que as relações sociais são orientadas de acordo com a lógica dialéctica, no posicionamento que assumimos, defendemos que os jovens participam de forma activa na relação que estabelecem com os actores políticos que o procuram definir, não existindo uma imposição linear, mas sim, um antagonismo.

Capítulo II

2. Enquadramento teórico e conceptual

Construímos, neste capítulo, o nosso quadro teórico e conceptual com o objectivo de esclarecer o nosso referencial a partir do qual lemos a categorização dos jovens dentro do campo político nacional. Temos assim, duas secções. A primeira secção é reservada a apresentação dos principais pontos das teorias que são o nosso suporte. A segunda secção está reservada a definição e operacionalização dos conceitos que, estando em relação com o quadro teórico, possibilitam a delimitação da realidade sobre a qual incidimos.

2.1. Triangulação teórica: utopia e construção social da realidade

A realidade sociológica sobre qual incide o nosso estudo é uma realidade construída, que ganha existência em função da posição assumida pelos seus actores. Para compreendermos a construção da categoria de juventude e as práticas decorrentes desta, sustentamo-nos da triangulação teórica resultante da combinação dos enfoques teóricos de Mannheim (1951, 1982) e Berger e Luckmann (2004) ambos embaçados na ideia da construção social da realidade.

Introduzimos apresentação do quadro teórico de Mannheim (1951), afirmando que a sua preocupação central, no que tange a sociologia do conhecimento, prende-se com a localização social das ideias a partir do qual defende que a construção do conhecimento tem como base, factores sociais que são teoricamente representados pelo conceito de constelação. O conceito de constelação proposto por Mannheim (1951) auxilia a compreender os factores, que de forma conjunta, ajudam a compreender o porquê da emergência de determinadas formas de conhecimento, num determinado período ou época histórica. Neste diapasão, tendo nós afirmado ao longo das linhas anteriores que os referencia de autoconstrução são uma construção sócio-histórica, este conceito pode, mesmo que de forma rápida, auxiliar na compreensão de factores sociais que levam a emergência das categorias de juventude a serem identificadas no trabalho de campo.

Para Mannheim (1951), as expressões das diferentes formas de conhecimentos apresentam-se em forma de constelações, na medida em que pode revelar aparentemente que não estabelecem nenhuma relação entre si, porém, são resultado de uma mesma ordem estrutural. Pese embora, o facto de, neste estudo termo-nos interessado no conceito de utopia apresentado na obra *“Ideologia e utopia”*. Este conceito refere-se ao estado de espírito de um indivíduo que ultrapassa as condições reais nas quais se encontra, isto é, a utopia transcende as condições presentes, para se referir as condições futuras passíveis de serem produzidas.

Ainda, de acordo com Mannheim (1982), a congruência entre o estado de espírito na experiência, no pensamento e na prática existem. A orientação é para uma realidade ainda não existente. Porém, o autor chama-nos atenção para não confundirmos utopias com ideias abstractas, pois, tem necessariamente de se transformar em condutas concretas que orientam à prática de transformação e modificação das condições presentes.

Esta concepção de utopia conduz o nosso estudo ao ponto de procurar analisar as categorias de juventude, como construções que possam se referir a um jovem ainda não existente, mas que procura se fazer existir. Portanto, o conceito de utopia ajuda-nos a reflectir até que ponto o primeiro se materializa no segundo, se transformando num espírito utópico.

Mesmo que tenham partido, dentre outros autores, de Mannheim, para a construção do seu quadro teórico, Berger e Luckmann (2004) oferecem conceitos a partir dos quais podemos compreender a forma como a relação dialéctica entre os jovens e as associações partidária ocorre na realidade concreta, o que nos seria difícil compreender partindo de Mannheim. Esta é a justificativa na qual nos baseamos para fazermos a nossa triangulação teórica. O pressuposto Berger e Luckmann (2004) é de que a construção social da realidade ocorre numa relação dialéctica, onde o homem aparece como produto e produtor da realidade social. Entretanto, antes, os autores defendiam que a sociologia do conhecimento se interessava por todas formas de conhecimento, visto que, independentemente da natureza ou tipo, seguem os mesmos processos de construção e transmissão.

Para a finalidade do nosso trabalho, limitamo-nos na apresentação e explicação da forma como se dá esse processo, que se dá a partir do momento em que o homem se faz ao mundo, pois, já

aparece como um ser social⁴. Para a demonstração deste processo, Berger e Luckmann (2004, p.79) apresentam primeiramente, o conceito de institucionalização que de acordo com eles, ocorre “sempre numa tipificação recíproca de acções habituais, por tipos de autores”. Compreendamos de perto este período. O homem como resultado de um processo de socialização, exterioriza a sua subjectividade por meio de suas práticas, adquirindo de forma isolada o que os autores designam de hábitos. Quando, por meio do encontro de dois ou mais actores, esses hábitos particularmente adoptados são partilhados e aceites como obrigatórios para os que assumem (objectivação), é que ocorre a institucionalização e, na verdade, a tipificação de acções. Esta instituição aparece como uma realidade objectiva, que pela sua dureza é transmissível para as gerações futuras. Este processo ajuda a ler a nossa realidade de duas maneiras. Na Primeira, devemos considerar que as categorias de juventude a serem identificadas não são uma produção dos jovens das gerações presentes, mas herdadas de gerações anteriores responsáveis pela sua construção. Na Segunda, consideramos que a possibilidade do encontro entre os jovens e as associações partidárias, pode conduzir a partilha e tipificação de categorias de juventude a serem posteriormente interiorizadas.

Em ambas as situações estamos a lidar com a categoria da juventude como uma realidade objectiva, que existindo acima dos indivíduos, impõe-se a estes, embora tenha sido resultado de um processo de institucionalização. Assim, encontramos na sociedade categorias de juventudes em sua existência objectiva que pode demonstrar a coexistência de categorias herdadas e reconstruídas. Em seguida, os autores fazem referência ao processo de interiorização da realidade que expressa o sentido inverso ao da institucionalização. O ponto de partida consiste em recordar que os indivíduos não nascem membros da sociedade, mas apreendem a o ser por meio dos processos contínuos de socialização.

Neste diapasão, a interiorização é processo através do qual, indivíduo torna-se membro da sociedade, tendo como ponto inicial “a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objectivo como, dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjectivos de outrem, que desta maneira torna-se subjectivamente significativo para mim” (Berger e Luckmann, 2004, p. 174)

⁴ Anna Arendt (2007) já tinha defendido, contra as alegações de Aristóteles de que o homem é um ser naturalmente político, que o homem é antes de tudo o ser social.

Vemos que a interiorização não só torna o indivíduo num membro da sociedade, como integra-o no processo de interacção com os outros, permitindo uma compreensão mútua e continua de ambos os lados. Este é o momento através do qual, os indivíduos se auto-constroem em função do que foi interiorizado. Este processo é relevante porque revela os princípios pelos quais, os jovens e as associações juvenis estabelecem relações, possibilitando um entendimento.

Discutidos os conceitos inerentes a estes dois quadros teóricos, intercalando-os com o nosso objecto de estudo. Podemos justificar a necessidade desta triangulação teórica, pelo facto de, encontrarmos o conceito de utopia em Mannheim e os conceitos de interiorização e exteriorização em Berger e Luckmann. Estamos a afirmar com isto, que os dados recolhidos remetem-nos à compreensão destes conceitos. Os conceitos de utopia, interiorização e exteriorização, constituem um triângulo que nos dá a possibilidade de olhar para diferentes dimensões do nosso objecto de estudo.

Os conceitos de interiorização e exteriorização possibilitam-nos compreender o processo de construção, imposição e partilha de categorias de jovem que podem ocorrer ao longo da relação entre a Liga da Juventude do MDM e os jovens. Já, o conceito de utopia auxilia na compreensão dos sentidos que levam as diferentes construções e as acções decorrentes. Atendendo e considerando que incidimos a nossa análise sobre relações que têm lugar no campo político, é importante perceber se o que se procura vender, por parte dos jovens do MDM, são discursos transformadores e/ou conservadores, pois é o facto de assumir um destes sentidos que podem influenciar na relação com os jovens.

2.2. Definição e operacionalização dos conceitos

Esta secção é reservada a discussão e operacionalização de três conceitos que, constituindo base para a delimitação dos factores da realidade social, interferem na realidade dentro da qual se insere o nosso objecto, isto é, auxiliam na sua compreensão. O objectivo desta discussão não se limita na identificação dos conceitos, mas também na demonstração do sentido através do qual aplicamos estes conceitos de modo a limitar o campo de sua polissemia. Trazemos assim, os conceitos de antagonismo, discursos e categoria social.

2.2.1. Antagonismo

Ao elegermos o conceito de antagonismo para ser definido e operacionalizado, temos como objectivo delimitar a forma de relação que se trava entre os jovens e as associações partidárias, dentro do âmbito político, considerando que ambos se constituem como actores capazes, não só de construir, como também de rejeitar categorias sociais que vão de acordo com seus interesses. Este conceito tem uma tradição dentro dos diferentes campos de conhecimento, tais como político, filosófico e social.

No campo da filosofia André (2012) faz uma reflexão sobre o conceito de antagonismo partindo da perspectiva de Kant, embora reconheça que este não tenha se dedicado com afinco a sua constituição. O primeiro passo para esta constituição é, de acordo com o autor, a expurgação dos equívocos que rodeiam o conceito, o que consiste na rejeição de todas as perspectivas que o definem com base na ideia de “incompatibilidade, de oposição paralisante, traduzindo na presença de uma força negativa, primordialmente impeditiva ou aleatória” (André, 2012, p. 34).

A base para esta rejeição assenta na constatação da improdutividade dessa concepção clássica do antagonismo, na medida em que, remete essencialmente a existência de forças que se anulam mutuamente, pela sua relação de exclusão mútua. O passo seguinte assumido por este autor, é reconhecer em Kant o alerta da existência de outra forma de antagonismo, caracterizada pela presença de propriedades contrárias sem que sejam incoerentes ou mutuamente exclusivas. Antes, tratasse de propriedades contrapostas, que se enriquecem mutuamente.

Ainda de acordo com André (2012), o que merece destaque na perspectiva de Kant é facto de ressaltar as dinâmicas antagónicas como um instrumento produtivo, o que faz com que seja uma condição necessária, visto que, é uma condição necessária para a renovação dos processos criativos. O conceito de “sociabilidade insociável” sintetiza esta perspectiva. Este expressa uma ideia acabada do antagonismo, pois,

“Sublinha o facto de não estarmos apenas perante uma ambivalência estática de duas realidades opostas que coexistem pacificamente no homem, mas, pelo contrário, diante de uma “luta face a face” entre a tendência para entrar em sociedade e a resistência que nela o homem encontra. Essa dinâmica é, por conseguinte, a origem de uma dialéctica que desencadeia o *despertar do indivíduo*, que o acicata a desenvolver os seus talentos, a

competir e a cooperar com os outros indivíduos para aperfeiçoar as suas disposições naturais” (André, 2012, p. 36)

A posição assumida por André, a partir de Kant, remete a um antagonismo essencialista, isto é, o antagonismo torna-se, assim, na condição da própria existência humana. O homem enquanto um ser social está condenado a viver este antagonismo. Esta perspectiva tem a vantagem de chamar atenção para o facto, primeiro da realidade do homem ser ela mesma dinâmicas sujeita a um devir contínuo. Não precisamos referir que contribui também pelo facto de superar o pessimismo em relação ao antagonismo. Segundo, oferece outra contribuição no sentido de expressar uma relação dialéctica a partir da qual o novo decorre das relações antagónicas, dos contrários que o precederam e assim o processo contínuo.

Nem tudo deve ser visto como contributo. Talvez se deva ao facto de estarmos a analisar uma perspectiva filosófica, com tendência ao estabelecimento dos fundamentos ontológicos que o antagonismo de Kant coloca em relação a natureza inerente ao homem e a sociedade que busca o integrar. Seguindo este sentido, André (2012) não abre espaço para que a dimensão particular e universal (por se expressar em cada homem, mas estar presente em todos) que entra em antagonismo com a sociedade ser ela mesma social. Dito de outra maneira, não é a natureza que entra em relação antagónica com o homem, mas sim o Homem que entra em relação com o social, pois o homem enquanto existir, já é um ser social. Esta perspectiva, que é a que procuramos adoptar para o nosso trabalho, pode ser seguida fazendo uma revisão às contribuições de Laclau e Moufle (1985, 1990 apud Mendonça, 2012), que têm como base a construção da identidade política a partir do discurso.

De acordo com Mendonça (2012), a perspectiva teórica de Laclau e Moufle, defende que o social deve ser compreendido em termos de lógicas discursivas, que por sua vez, devem ser analisadas a partir da ideia de discursos antagónicos. Superando a perspectiva essencialista, entende-se que o antagonismo não uma relação objectiva, mas sim o momento no qual essa relação se dá.

Não obstante constituir um avanço com relação a concepção kantiana, Laclau e Mounfle apud Mendonça (2012) ao defenderem que antagonismo do discurso no campo político dá-se pela oposição em termos realmente sociais, a partir da participação activa dos actores políticos, os autores seguem o mesmo sentido ao afirmar que uma relação antagónica resulta em novos

antagonismos. A constituição de uma fuga ao antagonismo é concebida de uma forma negativa, reflectindo uma relação extra política, pois, trata-se de uma constituição inteiramente política.

A perspectiva de Laclau e Moufle apud Mendonça (2012) não abre espaço para relações não antagónicas entre os agentes que se constituam dentro do campo político. Assim, tentando fugir do essencialismos, acabam caindo numa concepção essencialistas da política, no sentido de a conceber como essencialmente antagónica e negando a possibilidade de sentido positivo nos quais o antagonismo possa conduzir a relação não antagónicas.

Esta crítica é sustentada por Mendonça (2012) que defende que o antagonismo não se pode reduzir a sua dimensão negativa, como se resultasse em novos antagonismo. Para o autor, é razoável defender que o discurso antagónico possa igualmente resultar ou articular sentidos negativos, abrindo espaço para alianças, propostas, acções políticas identitárias, uma vez que para Laclau e Moufle, a identidade política só pode ocorrer fora do campo político, logo, a identidade é apolítica.

Esta última concepção do antagonismo que na verdade, critica as perspectivas anteriores e em simultâneo as complementa, traz todos elementos positivos daquelas e, expurgando seus elementos negativos, acrescenta outros aspectos relevantes que interessam para o nosso trabalho. Podemos encontrar nesta concepção o antagonismo, como tendo uma origem social a partir da qual os actores o constroem ou construindo-se a si mesmo. Identificamos, ainda, a ideia segundo qual, o antagonismo pode resultar em novos antagonismos ou mesmo em relações não antagónicas que não anulam a dinâmica relacional.

A partir desta concepção que nos aparece como mais a razoável, podemos harmonizar o conceito de visão universal de Mannheim (1951) com o de antagonismo, pois, a relação antagónica entre as diferentes visões não pode retirar a necessidade e possibilidade de identificarmos a partilha de uma visam comum a todas elas, pelo facto de partilharem uma mesma época. Podemos traçar linhas conceptuais de leituras da relação antagónica entre os jovens e as associações partidárias.

Cada um, do seu lado, constrói suas visões do mundo cujo antagonismo se dá no momento do seu encontro. Este encontro antagónico, revelando uma relação dialéctica pode conduzir a uma partilha da categoria de juventude que não se iguala a nenhuma delas ou, pode conduzir a reconstrução das categorias iniciais que conservam a sua existência antagónica. Deste modo, o

antagonismo é um processo enraizado no social, com enquadramento de discursos antagónicos, cuja relação, sendo dinâmica, pode levar a construção de um só e novo discurso que anula a contradição ou a reconstrução dos discursos identitários anteriores.

Este conceito, na forma como o concebemos, insere-se na ideia de uma visão geral que trazemos a partir da perspectiva de Mannheim, na medida em que abre espaço para que as partes contraditórias em relação, possam ser concebidas como decorrendo ou concorrendo para a construção de uma categoria que a visão de uma época.

2.2.2. Discursos

Ao inserimos o conceito de discurso na nossa conceptualização, temos como objectivo, aferir os elementos por meio dos quais ocorre a relação antagónica entre os jovens e as associações partidárias. Este conceito, na forma como o adoptamos tem a vantagem de se referir não só a fala, a escrita, como a práticas.

Introduzimos esta discussão com Johnson (1997) que aponta que o discurso é conversa escrita e falada e o pensamento que lhe serve de base. Esta forma de conceber o discurso tem como base a perspectiva de Foucault (1960), que se mostra interessado nas formações discursivas ao defender que o discurso molda a maneira como falamos, pensamos sobre o mundo, como nos comportamos.

O discurso é uma rede de enunciados, ou de relações que tornam possível haver significantes. O discurso é “um conjunto de regras anónimas, históricas sempre determinadas no tempo-espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, económica, geográfica, ou linguística, dada as condições de exercício da função enunciativa. (Foucault, 1960, p. 43).

Esta concepção de discurso é seguida por Kress e Leeuwen (2001), ao definirem discursos como formas de conhecimento construídas e situadas socialmente a respeito de aspectos da realidade. Portanto, os discursos desenvolvem dentro dos contextos sociais, satisfazendo necessidades específicas a esses mesmos contextos. O discurso não é inerente ao contexto, ele é, na medida em que intermedeia todas as relações dos actores, o elemento constituinte desse contexto. Como

afirma Foucault (1960), o discurso delimita o contexto, as épocas determinando o que é válido e o que não é.

Esta forma conceber o discurso é bastante revolucionária, por superar o reducionismo linguístico, sublinhar a variação no tempo e no espaço, como ver nele o poder de impor enunciados a partir dos quais se constroem as visões do mundo. O discurso é, então, o poder de categorização. Ainda assim é necessário ir mais além para apreendermos a dimensão do discurso que torna este conceito útil para o nosso trabalho.

Laclau e Moufle (1985, 1990 apud Mendonça, 2012) apresentam uma concepção que, de forma clara, contém os elementos que nos interessam ao defender que o discurso deve ser percebido como união entre o que se fala, o que se escreve e a forma como se age. Esta união tridimensional faz do discurso uma realidade intra e extralinguística, dando a ele um cunho linguístico e social significativo.

A identificação do discurso com a fala, escrita e o agir leva alguns autores, como Azevedo (2013) a recorrerem ao termo prática discursiva. Que a prática discursiva se caracterizam pelo elo de ligação entre o discurso e a prática. Isto “significa afirmar que este conceito reúne elementos tanto da fabricação e ajuste dos discursos, compostos por uma unidade de enunciados quanto da aplicação e produção destes, nas instituições e nas relações sociais, definindo assim, um saber, além de determinar funções e formas de comportamento numa época”. O conceito de discurso utilizado aqui é o mesmo adoptado por Fairclough (1992), em que é visto como uma forma de agir socialmente; ou seja, é através do discurso que as pessoas interagem umas com as outras no mundo social. “O discurso é um modo de agir, uma forma pela qual as pessoas agem em relação ao mundo e principalmente em relação às outras pessoas” (Fairclough, 1992, p. 63).

Abordamos o discurso nas suas três dimensões (fala, escrita e acção), para apreender a construção do conhecimento, nosso e sobre os jovens, explorando também as práticas que as associações partidárias desenvolvem em relação aos jovens. Estes todos elementos existem dentro de um contexto que delimita e é simultaneamente delimitado pelo discurso. Estes todos elementos são integrados na concepção do discurso que adoptamos para o nosso trabalho, que é na verdade um pouco das contribuições de cada autor que trouxemos nesta discussão, que permite olhar para todas as dimensões a partir dos quais ele pode ser apresentar.

2.2.3. Categoria social

Introduzimos o conceito de categoria social no nosso debate, com o objectivo de delimitarmos os elementos a partir dos quais vamos delimitar o que designamos de categoria social de juventude. Por se tratar de um conceito que não insere muita controvérsia, limitaremos em trazer algumas contribuições de autores como, Poulantzas (1973), Johnson (1997) e Maia (2002).

Poulantzas (1973) insere a sua concepção de categoria social, na sua discussão sobre classes sociais. Concebe o conceito em discussão como um conjunto de agentes que embora, tenham diferentes origens de classe, são capazes de actuar politicamente como uma unidade e de maneira relativamente autónoma, com respeito aos interesses das classes de que se originam.

Nesta linha de colocação do seu argumento, o autor refere-se à burocracia dos funcionários do Estado, defendendo que as categorias sociais podem configurar-se como uma unidade, dada a sua relação com os aparatos de Estado e com a ideologia. Seguindo esta perspectiva, o conceito de categoria social aplica-se, ainda, ao grupo comumente designado como intelectuais, cujo papel social principal seria o funcionamento da ideologia.

Esta perspectiva de categoria social apresenta uma delimitação dos indivíduos que constituem uma categoria, com potencialidade de agir como classe. Esta ligação feita por Poulantza (1973) tem as suas contribuições, principalmente no que tange a possibilidade de se transcender às limitações impostas pela pertença a uma classe específica. Deste modo, a categoria está acima da concepção da classe.

Porém, é importante perceber que esta perspectiva coloca ênfase, na possibilidade de acção colectiva. Ao contrário de outras perspectivas, não negligenciando esta possibilidade de acção, tem como ponto de partida a partilha de características específicas, como é o caso das trazidas por Johnson (1997) e Maia (2001).

Por outro lado, Maia (2002) concebe categoria social como um conjunto de agrupamento estatístico, constituído por indivíduos com base na existência de uma ou mais características comuns entre eles. Os indivíduos que compõem uma categoria não estabelecem relação entre si, embora alguns possam entrar em comunicação.

Esta perspectiva privilegia o campo científico como a base para a construção das categorias sociais, dando ênfase à bases estatísticas para sua delimitação. Cabe a ciência, a construção de

categorias sociais com função analítica e interpretativa, porém é importante deixar que os próprios actores sociais ofereçam os indicadores a partir dos quais, se constituem as categorias.

A concepção de Johnson (1997) nos parece mais plausível, pois, a partir desta percepção define-se categoria social como um conjunto de pessoas que tem o mesmo status social, tais como o de mulher, de gerente. Embora os membros da mesma categoria social possam, como resultado, partilhar as mesmas características, como crenças e valores, elas não identificam necessariamente a categoria como uma entidade significativa à qual pertencem, tampouco participam de padrões regulares de interacção.

Nesta ordem de ideias, as categorias sociais podem ser facilmente transformadas em colectividades ou grupos, mediante a criação de um senso de identidade, compartilhado e por aumento da interacção entre os membros. O autor traz exemplo dos movimentos sociais que iniciam destes processos de partilha de interactividades. Podemos resgatar a perspectiva de Mannheim (apud Weller, 2007), para afirmar que mesmo que se herdamos categorias do passado, cabe as gerações presentes a reconstrução destas e construção de novas categorias sociais.

Deste modo, torna-se imprescindível partir da perspectiva dos actores. É com base nesta necessidade de perspectivar a categoria social a partir dos actores, buscando neste as características a partir das quais se delimitam os outros e a si mesmos como jovens. Assim, para os efeitos analíticos deste trabalho, definimos categoria como um conjunto a que atribuem uma mesma posição dentro da sociedade por partilharem algumas características relevantes seja para os definir ou para se auto-definirem.

Capítulo III

3. Metodologia

Introduzimos neste capítulo a apresentação dos métodos e técnicas de recolha de dados e amostra aplicadas durante a fase de verificação. Todos os elementos que compõem esta fase do trabalho foram seleccionados tomando em consideração o problema e a problemática construídos. O problema nos coloca diante de uma realidade que nos remete a determinados métodos e técnicas para a sua leitura e a problemática implica, por questões epistemológicas, a adaptação, igualmente, de determinados métodos e técnicas.

Deste modo, logo a prior, afirmamos que o estudo tem como base o método qualitativo que permite olhar para a construção do conhecimento sob ponto de vista da sua diversidade e profundidade, o que nos é permitido pelo enfoque teórico de cunho fenomenológico. Recordemos que, de acordo com Texeira (2005), a pesquisa qualitativa busca uma compreensão dos fenómenos pela sua descrição e interpretação, enfatizando o processo dos acontecimentos. Estas considerações foram exploradas ao longo do trabalho. Consideramos as categorias de jovem construídas como processo sujeitos a variações em função do espaço e tempo, valorizando as experiências, sejam individuais ou colectivas, dos entrevistados.

Podemos verificar nos dados a forma como procuramos aprofundar as bases e experiências a partir das quais os jovens constroem suas categorias referenciais, assim como os meios através dos quais buscam materializar estas categorias no seu quotidiano. Ainda, olhamos para a relação entre estes jovens e a LJMDM, considerando as diferentes interpretações activadas e a forma como estas interpretações orientam as práticas políticas.

De modo a explorar de forma mais profunda as vantagens oferecidas pela abordagem qualitativa, adoptada neste trabalho, enveredamos, no que tange ao procedimento, pelo estudo de caso, tendo assumido o caso específico da LJMDM. A opção por esta estratégia deve-se ao facto de oferecer uma visão holística com base na qual estudamos a relação entre esta agremiação e os jovens alvos, dentro de um contexto político como uma totalidade no qual tanto as categorias, como as práticas ganham sentido e podem ser compreendidas efectivamente.

Não nos preocupamos em estudar as diferentes categorias de jovem construídas no seio da LJMDM. Reconhecemos que esta agremiação não é homogénea, contudo, a visão holística implicada no estudo de caso permitiu-nos abordar esta liga como uma totalidade. Deste modo, nos preocupamos apenas com aquela categoria (discursos) que procura-se transmitir a sociedade ao longo de suas práticas, o que não pode ser motivo para acusarem-nos de considerar esta agremiação homogénea, visto que, o estudo que incidir sobre os seus membros, sem muito esforço, pode identificar diferentes categorias.

Ao abordarmos o nosso objecto de estudo, consideramos a dimensão subjectiva dos jovens, sua capacidade de interpretar, construir e reproduzir sentidos, como a dimensão objectiva que tratando-se de realidades que se vêm encontrando em planos diferentes, complementam-se e influenciam-se, estando em constante relação. Os dados extraídos desta realidade permitem-nos fazer, com os riscos implicados, uma certa extrapolação no que se refere a extensão da sua validade. Acreditamos que as nossas constatações podem ser validadas para explicar a relação que os jovens vêm tendo com as ligas juvenis de outros partidos não estudados, tirando assim, proveito de uma das contribuições do estudo de caso. Como afirma Yin (2006), este método permite, a partir de um caso profundamente estudado, generalizar para outros casos não estudados.

No que diz respeito ao método de abordagem, condicionados pelo nosso enquadramento teórico e conceptual, recorreremos ao método dialéctico. Tanto a sociologia do conhecimento de Mannheim, como de Berger e Luckmann concebem a realidade como integrando fenómenos envolvidos numa relação dialéctica, pelo que, assumimos que com este método, podemos estudar a categorização como um processo que se dá na relação dialéctica entre os discursos dos jovens e os da LJMDM. É o que aconteceu.

Ao longo da recolha de dados, procuramos sempre fazer com que os entrevistados afirmassem as suas posições em consideração a posição dos outros com quem estabelecem esta em relação. Ou seja, questionamos a forma como a LJMDM define suas acções, tomando em consideração o conhecimento que tem sobre os jovens visados e suas reacções e, para o lado destes jovens, procuramos saber a forma como estes olham para as práticas desta agremiação e como se posicionam diante delas. Assim, este método permitiu verificar que é dentro deste contexto que os jovens se constroem.

Andrade (2006) afirma que o método dialéctico assenta no princípio da mudança contínua e constante dos fenómenos resultante da luta dos seus elementos contrários, que nada mais são do que uma mesma unidade, mas que se negam um ao outro mutuamente. Assim, a posição crítica dos jovens define-se e redefine-se em função das sucessivas tentativas desencadeadas pela LJMDM no sentido de os categorizar.

A recolha de dados foi feita com base em duas técnicas, uma secundária e outra principal segundo a classificação de Quivy e Campenhoudt (1992). A secundária, que foi a primeira a ser utilizada, foi a bibliográfica a partir da qual iniciamos o nosso trabalho recorrendo a um conjunto de material bibliográfico (livros e artigos científicos) na fase exploratória para a construção do problema, da problemática, definição dos conceitos e discussão dos resultados. Para este último ponto, este método foi importante, pois permitiu-nos dialogar com outros autores e fazer algumas considerações as quais os dados nos remetiam.

A entrevista semi-estruturada foi a principal técnica para a recolha de dados e foi aplicada junto do nosso grupo-alvo. Escolhemos a entrevista pela natureza qualitativa do nosso estudo, que nos conduz ao aprofundamento da informação. Este nível de estruturação (semi-estruturada) foi delimitado porque, de um lado pretendíamos estudar a construção de categoria de jovem e de outro lado, a partir dos entrevistados, procuramos conservar os limites pré-definimos ao longo da operacionalização do conceito de categoria social. Assim, partimos de algumas perguntas pré-definidas deixando em aberto a introdução de novas perguntas de modo a explorar informações relevantes que iam emergindo.

Ao longo das entrevistas procuramos, em cada entrevistado, aplicar todas as perguntas do nosso guião, mas em função das informações que estavam sendo facultadas por este, vimo-nos na necessidade de introduzir novas perguntas, principalmente quando estávamos a entrevistar os jovens visados pelas práticas da LJMDM. É nesta ordem de ideias que podemos verificar que nalgumas categorias discutidas, aprofundamos alguns aspectos que não foram discutidos noutras categorias. Apesar de fazerem parte do mesmo contexto, procuramos não perder de vista as particularidades de cada caso.

Estas entrevistas foram administradas em diferentes locais em função das condições encontradas para a localização do nosso grupo-alvo. Este foi constituído pelos membros da LJMDM e pelos

jovens que já tinham vivenciado as práticas desenvolvidas por esta agremiação. No primeiro grupo trabalhamos com 2 entrevistados e no segundo com 13. Tivemos acesso aos 2 primeiros com ajuda de uma conhecida filiada a mesma liga que nos conduziu a um membro e partir deste foi-nos possível localizar os outros da associação. Limitamo-nos a entrevistar 2 membros, pois logo no segundo, as posições de poder de tomada de decisão por eles ocupadas na liga permitiu-nos considerar que a categoria observada era a que procuravam transmitir para os jovens ao longo de suas práticas.

O mesmo processo foi seguido para a localização dos jovens do segundo grupo, isto é, os membros da liga da juventude delimitaram o universo espacial sobre o qual desenvolveram suas práticas, tendo indicado o bairro da Polana Caniço, o Bairro da Maxaquene, as universidades a nível nacional, entre outras localidades. Feito isto, dirigimo-nos às localidades e interpelamos alguns dentre os quais encontramos outros que reconheceram ter sido alvo da mobilização da LJMDM. Os jovens interpelados indicaram-nos outros que foram posteriormente entrevistados. Tanto numa como noutra situação, foi a técnica de bola de neve que nos possibilitou a localização do nosso grupo, pelo que paramos quando observamos uma repetição na informação que os jovens entrevistados iam facultando. Logo que estivemos a entrevistar o 11º indivíduo, começamos a notar uma certa repetição, porém, nós alargamos para o 13º, o que não trouxe grandes contribuições sob ponto de vista do enriquecimento da informação.

A bola de neve é uma técnica amostral, apontada por Albuquerque (2009) que consiste em partir de um, dois ou mais indivíduos que são a priori conhecidos para ter acesso a outros que poderão constituir membros da amostra. Esta técnica foi-nos útil porque facilitou a aceitação dos jovens em participar do estudo, uma vez que, éramos pessoas indicadas por conhecidos seus.

Localizados os entrevistados, o trabalho de campo foi realizado durante a primeira e segunda semanas do mês de Novembro, havendo dias sem trabalho. No primeiro dia entrevistamos o primeiro membro da liga e só no terceiro dia é que conseguimos entrevistar o segundo, o que permitiu que no dia seguinte começássemos a entrevistar o outro grupo de jovens. As entrevistas a este segundo grupo duraram 8 dias, sendo que no primeiro dia só conseguimos entrevistar 1 jovem, no segundo 3 e nos dias subsequentes os restantes com algumas interrupções. Estas entrevistas foram feitas em locais acordados pelos jovens. Numa situação nos deslocávamos a

casa do jovem depois de termos combinado o dia a hora, noutra situação tivemos que nos deslocar até as universidades que frequentavam.

O recurso ao telemóvel foi fundamental para encurtar as distância e localizar os jovens, pois, foi por esse meio de meio de comunicação que estabelecemos os primeiros contactos com os entrevistados que acordavam em participar do estudo e do local e hora nos quais as entrevistas seriam realizadas. Algumas das entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados e outras não por estes não terem concordado. Respeitamos os limites impostos recorrendo ao uso de blocos de nota para o registo da informação, o que não afectou o trabalho porque já vínhamos preparados.

De uma forma geral, as entrevistas tinham em média uma duração de 30 a 40 minutos, havendo tempo para que deixássemos os entrevistados fazerem fluir a sua imaginação e descreverem detalhadamente as suas experiências enquanto jovens e suas relações políticas sem, com isto, fugir ao foco da investigação do estudo.

3.1. Princípios éticos

Embora tenhamos sentido que não tivemos muitas restrições sob ponto de vista da ética de investigação, procuramos garantir a vigências dos aspectos básicos. Primeiro garantirmos que a participação fosse totalmente voluntária. Este princípio fez com que não tivéssemos que insistir os jovens a participarem do estudo. Estes remarcavam continuamente as entrevistas depois de sucessivos boicotes, o que fez com preferíssemos procurar outros para não forçar a participação. O mesmo aconteceu do lado de alguns jovens que abertamente mostraram indisponibilidade em ceder a entrevista.

O segundo princípio que aplicado está ligado ao anonimato. No início de todas as entrevistas advertimos aos entrevistados que não tinham obrigação de dizer os nomes, embora alguns tenham afirmado que não teriam nenhuma interdição caso fosse necessário. Assim, preferimos nem mesmo usar nomes fictícios, limitando-nos, ao longo do tratamento dos dados, a recorrer a designação jovem, nível e grupo do jovem do qual fazem parte, para nos referirmos aos entrevistados.

A utilização da designação anterior garantiu o terceiro princípio, o da confidencialidade. Todo o material usado esteve durante o trabalho de campo na posse unicamente do investigador. Ao longo do tratamento dos dados, coube ao investigador a organização, sistematização e organização dos dados, pelo que, ninguém mais teve acesso ou tem condições de ligar a informação a qualquer que seja os jovens.

3.2. Constrangimento do trabalho e formas de superação

Apesar da facilidade que tivemos em identificar o nosso grupo-alvo por intermédio de uma conhecida nossa, não deixamos de enfrentar algumas situações que constrangeram a realização do trabalho. A primeira situação encontrada relaciona-se com a disponibilidade dos membros da liga do MDM. Tivemos sim seus contactos, mas não se mostram imediatamente disponíveis, tendo que arranjar um tempo em função da sua disponibilidade, o que fez com que iniciássemos o trabalho de campo uma dia depois do que tinha estabelecido. Este aspecto condicionou o trabalho de campo porque não tínhamos como localizar o outro grupo de entrevistados sem indicação dos entrevistados da liga. Mas, no dia seguinte fizemos a primeira entrevista.

Para a realização da segunda entrevista enfrentamos a segunda situação. Dos 3 contactos que nos foram concedido só um que facilitou a sua localização. Os dois primeiros contacto não tendo no entanto se recusado, limitaram-se a remarcar continuamente as entrevistas, fazendo com que ficássemos um dia todo sem realizamos nenhuma entrevista. Assim, ficamos com o terceiro que prestou entrevista no terceiro dia.

No caso dos jovens alvo das práticas da liga do MDM, o processo foi normal, deixando de lado a necessidade que tivemos de nos adaptarmos ao horários escolar, uma vez que, na sua maioria tratava-se de jovens estudantes.

Capítulo IV

4. Apresentação dos resultados: análise e interpretação

Apresentamos neste capítulo a interpretação e análise de dados de campo obtidos junto a Liga da Juventude do MDM e dos jovens que tenham sido alvo das práticas desenvolvidas por esta agremiação ao longo da sua actividade política. A discussão dos dados segue uma lógica que conduz a uma leitura sequenciada. Começamos pelo perfil social e demográfico dos entrevistados, procedemos com as categorias de jovem construídas; seguimos com o processo de categorização dos jovens por parte da LJMDM e encerramos com a relação entre esta e os jovens abrangidos pelas suas práticas.

4.1. Perfil social e demográfico dos entrevistados

Nesta primeira secção procedemos com o perfil social e demográfico, começando por afirmar que, apesar de termos trabalhado com dois grupos distintos, os entrevistados serão todos apresentados de uma única vez num único texto.

Foram no total, entrevistados 15 jovens tanto do sexo masculino, como do sexo feminino, dois dos quais são membros da Liga da Juventude do MDM e 13 jovens que tinham sido alvo das práticas desenvolvidas por esta agremiação. Os 2 primeiros apresentam 34 e 27 anos de idade e estão filiados a liga desde a sua criação em 2009, desempenhando as funções de presidente da LJMDM e chefe da mobilização, respectivamente, e os outros 13 têm idade que vão dos 22 anos aos 34 anos.

Quanto ao seu estado civil, de acordo com os dados, entrevistados apresentam três situações. A primeira de casado é representada por 1 dos 15, a segunda, de união de facto, é apresentada por 4 jovens e a terceira, a de solteiro, a representada pelos restantes 10 jovens constituindo a maioria.

Os níveis de escolaridade encontram-se distribuídos desde o primário ao secundário. Trabalhamos com jovens 2 que apresentam só o nível primário concluído, um que se encontra a frequentar no nível básico, três que estão a finalizar o ensino secundário e 8 que se encontram a

fazer a sua formação no ensino superior. Estes últimos distribuem-se entre os cursos de Antropologia, Medicina, Arqueologia, Ciência Política e Francês, na Universidade Eduardo Mondlane, Universidade Pedagógica, Universidade Católica de Moçambique.

No diz que respeito a sua situação profissional os entrevistados encontram-se na sua maioria unicamente a estudar. Para além dos 2 membros da LJMDM que desempenham funções profissionais no partido, só mais 3 é que se encontram a trabalhar, um como técnico de informática, outro como auxiliar de gravação de vídeos numa gravadora de música e outro, ainda, como auxiliar de projecto na área social.

Os jovens têm suas residências localizadas tanto na zona rural, assim como na zona urbana da província de Maputo. Os da primeira zona vivem no bairro Patrice Lumumba, no bairro do Muchafutene, em Nkobe e na Matola Garre. Já, os da zona urbana vivem nos bairros Central, Polana Caniço, Maxaquene, Choupal e Luís Cabral.

Os dados apresentados nesta secção mostram que o nosso grupo-alvo é constituído por indivíduos com uma diversidade quanto, as características sociais e demográficas, sendo que a condição de jovem é o único elemento partilhado no seio destes.

4.2. Construção da categoria juventude

Dedicamos este subcapítulo à discussão das categorias de jovem construídas no seio dos entrevistados. Estrutturamos o subcapítulo em quatro secções, em função das quatro categorias de jovem construídas. Reservamos a primeira secção a categoria de jovem como actor da mudança construída no seio LJMDM, a segunda a categoria de jovem como continuador dos projectos políticos, a terceira a categoria de jovem como reprodutor da moda e a quarta categoria, a de jovem como actor crítico das práticas políticas. Estas três últimas categorias são construídas no seio dos jovens alvos das práticas da liga.

4.2.1. O jovem actor da mudança na sociedade

Começamos a nossa discussão com a categoria de jovem construída no seio da LJMDM, para depois incidirmos sobre a construção feita por outros entrevistados. Não obstante termos trabalhado com dois entrevistados filiados aquela agremiação, incluímos seus depoimentos numa mesma categoria, visto que, reproduzem a mesma forma de conceber e categorizar o jovem.

Nesta categoria social o jovem é construído como um actor produtor das mudanças sociais na sociedade moçambicana. Analisemos mais pormenorizadamente os depoimentos dos dois entrevistados da associação, do caso estudado:

Na perspectiva da liga, é jovem, todo aquele que pode fazer a mudança. Porque para aquilo que é a história do nosso país, da África e do mundo, foram os jovens que chamaram as mudanças das grandes sociedades. Nos EUA, África, Ásia, Europa foram os jovens. Então, o MDM não quer sair deste epicentro. Por isso é que a perspectiva que se tem é que com o jovem podemos atingir o poder. (Entrevistado 1, membro da LJMDM)

Dentro da liga do MDM nós concebemos o jovem e a nós mesmos como todos aqueles que têm a consciência do seu papel na sociedade, que é de mudar as condições de vida da sociedade, isto é, o que todo o jovem fez na nossa história, por isso nós não podemos seguir um caminho diferente (Entrevistado 2, membro da LJMDM)

Vemos que no seio da LJMDM ocorre a construção e partilha de uma mesma categoria do jovem. A concepção do jovem como “actor da mudança” reflecte uma construção baseada num passado no qual, encontram-se exemplos em diferentes partes do mundo, de indivíduos que tendo se auto-construído como jovem, responsabilizaram-se pelas mudanças ocorridas nos contextos em que estavam inseridos.

É com base na referência a esse passado, cuja verificação da veracidade da sua existência real não cabe neste trabalho, que os entrevistados dão origem não só ao jovem do presente, mas também os si mesmos como uma agremiação juvenil. A construção de uma liga da juventude dentro do MDM é alicerçada pela centralidade que os entrevistados atribuem ao jovem no processo histórico das sociedades. Na Ásia, na América, na África foram jovens que sob seu ponto de vista, provocaram as grandes mudanças que condicionaram o rumo tomado pelas

sociedades. Daí, a necessidade sentida de construir uma liga da juventude e um jovem capaz de tornar real essas mudanças determinantes da história.

A construção é o primeiro passo para a existência desse jovem, porém, limitar-se a esta é limitar as possibilidades da sua materialização. É preciso passar para um segundo nível, o da justificação. É necessário justificar demonstrando o porquê de se conceber um jovem dessa natureza, pois, assim ganha-se validade diante da sociedade no que concerne a existência da liga e do conhecimento apresentado sobre o jovem. Assim, verificamos que a referência ao passado tem outra função para além de base de construção, referimo-nos a função de legitimação.

A afirmação segundo a qual a história de grandes países em geral e do nosso em particular foi feita pelos jovens desempenha essa função de legitimação, situando, de acordo com Berger e Luckmann (2004), no segundo nível de legitimação. Estes autores referem que neste nível os indivíduos fazem referência a lendas e acontecimentos históricos de modo a objectivar o conhecimento construídos e garantir que este seja assumido e reconhecido como válido no presente. Exemplo, o facto é a afirmação de um dos nossos entrevistados que se expressa nos seguintes temas: *“a revolução francesa, a revolução na Beira foram lideradas pela juventude”*

Uma vez que a juventude conduziu as revoluções em referência é legítimo que o jovem do presente seja concebido como actor das mudanças necessárias nas condições actuais. Essa necessidade não é um simples desejo ou nostalgia da LJMDM, é, para os entrevistados, uma condição objectiva que se impôs no passados e conseqüentemente se impõe no presente devendo, os indivíduos responder ao chamado. O acto de promover mudanças é concebido como um papel que deve ser desempenhado por todos aqueles que se constroem como jovens. Como consequência, no segundo depoimento, dos dois que apontamos anteriormente, chama-se a necessidade da tomada de consciência por parte dos jovens no sentido de assumirem o compromisso com a promoção da mudança social dentro da sociedade.

A partilha desta categoria de jovem no interior da LJMDM reflecte a sua existência na sua dimensão tipificada, ou seja, institucionalizada, servindo de acervo objectivado de conhecimento comum aos jovens que se encontram integrados nesta colectividade. A construção da subjectividade com base neste quadro de referência implica a interiorização de um conjunto de traços que caracterizam a conduta de um jovem definido como autor da mudança.

Quando operacionalizamos o conceito de categoria social, demonstramos que este implica a apresentação de características que delimitam os indivíduos que estão inseridos neste quadro de referência. Encontramos nos discursos dos membros da LJMDM a identificação de um conjunto de características que vão desde o engajamento à realização de transformações dentro da sociedade. Uma melhor descrição sobre essas características é feita neste depoimento no qual afirmam que este jovem:

É caracterizado por estar engajado na vida política, buscando participar dos centros de tomada de decisão, desenvolver das acções de mudança na sociedade. É um jovem que não fica a espera que as coisas venham até si, mas faz as coisas acontecerem, por isso, no dia-a-dia, está a procura de diferentes maneiras de fazer a transformação que outros jovens como eles fizeram em outras realidades (Entrevistado 2, membro da LJMDM)

Não basta a afirmação de ser jovem actor da mudança, é preciso demonstrar na prática, o que passa pela interiorização e exteriorização dos indicadores dessa tipificação do jovem. Para se auto-construir como actor da mudança é preciso que no quotidiano, dedique-se especificamente ao plano do mundo real no qual o engajamento político, a participação no processo de tomada de decisão, o desenvolvimento de acções que reflectam mudanças concretas e o activismo são práticas que devem caracterizar o jovem que se é.

Localizamos socialmente este conhecimento na LJMDM como um grupo social específico, porém, identificamos nos membros desta agremiação a tendência natural de generalização. Para além de construírem o jovem como actor de mudança, os entrevistados procuram generalizar sua situação social como sendo a de todos os jovens da sociedade. É esta igualização das situações que torna legítimo que não só membros da agremiação tenham que assumir o papel da transformação, mas também, todos os jovens da sociedade. Esta necessidade transcende a sua relativa existência alcançando todos os outros considerados jovens, como podemos verificar no depoimento a seguir:

Os jovens querem participar nos fóruns de tomada de decisão. E eu peço que os jovens, mais do que ninguém, vivam o dia-a-dia do país, suas dificuldades e eles podem participar desse fórum de tomada de decisão, eu sei porque também sou jovem, e vivo essas dificuldades. Os jovens podem dirigir o país. Os jovens estão preparados para mudar, para governar. O nosso governo do dia não aposta no jovem porque assume que

este veio para arrombar. Mas, os jovens não estão para isso, o jovem é o futuro do seu país. (Entrevistado 1, membro da LJMDM)

Encontramos, ainda, neste discurso o que Mannheim (1982) chama de generalização de um pensamento particular. O problema de toda a sociologia do conhecimento é a localização social das ideias, ou por outra, demonstrar que formas de pensamento que nos parecem ser universais devem ser particularizadas nos grupos sociais aos quais tem origem. O encontro entre o mundo da vida quotidiana e o mundo teórico reflectem dois sentidos diferentes.

Por um lado, no mundo da vida quotidiana, especialmente no âmbito político, os indivíduos procuraram generalizar o conhecimento particular, impondo-o como legítimo, a ser assumido por todos, por outro lado, a sociologia do conhecimento segue o sentido contrário, demonstrando a particularidade desse conhecimento generalizado, o que estamos a fazer. No depoimento anterior afirma-se que os jovens têm uma avidez subjectiva de participar no processo de tomada de decisão, de assumir as mudanças. A ideia é que não são só os membros da LJMDM que têm esta avidez, mas todos aqueles que são concebidos como jovens dentro da sociedade moçambicana.

Todavia, as condições presentes na sociedade obstaculizam a tomada de consciência por parte da sociedade e a generalização desse jovem como actor de mudanças, constituindo uma barreira para a materialização dessa generalização. Ao governo, é imputada a culpa da não existência dessas condições necessárias. Insistimos neste distanciamento entre o conhecimento apresentado pelos entrevistados e as condições concretas porque nos permitem avaliar o carácter utópico da posição assumida pelos jovens da LJMDM.

De acordo com, Mannheim (1982), é utópico todo o espírito que referindo a uma realidade ainda não existente, manifesta uma incongruência com relação as condições reais do contexto dentro do qual é construído, mobilizando acções para a sua realização futura. As condições actuais concretas da sociedade moçambicana estão em incongruência com o jovem, actor de mudança, construído na LJMDM, mas os jovens desta desenvolvem um conjunto de práticas discursivas para modificar a situação real e materializar as suas aspirações. O que nos leva a classificar o acção de mudança como um pensamento utópico.

Á este nível de interpretação de dados, já nos é possível fechar esta secção com base numa breve referência sobre o que discutimos. A LJMDM constrói e justifica a categoria do jovem actor de

mudança fazendo referência a situações passadas de diferentes contextos. Refere-se, ainda, as condições presentes do jovem na sociedade moçambicana de modo a demonstrar a necessidade da materialização dessa categoria. No entanto, o jovem actor de mudança não encontra condições para a sua construção nas condições actuais, constituindo-se como um pensamento utópico cuja realização está ancorada nas acções de mobilização da LJMDM.

4.2.2. O jovem continuador dos projectos sociais e políticos

Entramos agora para a primeira das categorias de jovem, construídas pelos jovens que têm sido alvo das práticas discursivas da LJMDM. Assim, a primeira categoria é esta que considera jovem a todo aquele indivíduo que se engaja na vida da sociedade, no geral e na vida política em particular como forma de dar continuidade aos projectos construídos no passado e que vêm sendo materializados nos dias recentes.

Antes de aprofundarmos de forma analítica e interpretativa esta categoria, podemos trazer alguns depoimentos nos quais se constrói este jovem.

Ser jovem é estar preparado para dar continuidade aos projectos da sociedade, começados por outras gerações de modo a transmitir às gerações futuras. Aquele que não assume este papel, não se está a comportar como jovem, não está a ser jovem. (Jovem de 25 anos de idade, com 7ª classe)

Não é fácil definir porque hoje em dia, já não se baseia na idade, mas baseia-se no comportamento. Há quem diz que é aquele que não trabalha, drogado, mas são aspectos negativos. Para mim jovem é aquele continuador da política, porque na política se realiza a vida, então, o jovem tem que estar lá presente para garantir que os seus objectivos possam ser atendidos pelo governo e por outros que podem ajudar. (Jovem de 22 anos de idade, com 12ª classe)

Antes de analisarmos estes depoimentos, sob ponto de vista da sua concepção de jovem, olhemos para um aspecto que chamou a nossa atenção pelo facto de estar explícito num dos depoimentos desta categoria e ser transversal de forma implícita nos depoimentos de outras categorias. Referimo-nos ao facto de se apontar o abandono da definição do jovem tendo como base as faixas etárias cronologicamente estabelecidas. Não encontramos nenhum discurso que nos

conduzisse a construção da categoria do jovem com base no intervalo etário. Em todos os casos são factores sociais, políticos ou culturais que servem como base para a construção do jovem. De uma forma geral os discursos têm como base a crítica política, a cultura de consumo, a participação, entre outros factores.

Incidindo sobre a categoria em análise, os depoimentos concebem o jovem como aquele indivíduo que se engaja na vida da sociedade, não para imprimir mudanças, ao contrário, é para dar continuidade ao que já foi definido em tempos anteriores ao presente por gerações passadas. Estes entrevistados assumem que a realidade é assim como ela é, cabendo a eles integrarem-se nesta para que alcancem a sua auto-realização. Esta forma de lidar com a realidade revela, de acordo com Berger e Luckmann (2004), a sua naturalização.

A naturalização do conhecimento é responsável pela reprodução da ordem social, pois as gerações actuais recebem dos seus antepassados, produtos que foram produzidos alheios a elas sem mesmo questionar. Limitam-se a interiorizar e a praticar dando continuidade no tempo. É com base na ideia da continuidade que se define o jovem nesta categoria, o que a distância da categoria de jovem construída no seio da LJMDM, que pauta pela mudança do que está institucionalizado.

As características que os jovens pertencentes a esta categoria apresentam, reforçam a ideia de um indivíduo cuja actividade se limita a uma integração na estrutura social. Os entrevistados apontam que este jovem é caracterizado pela preocupação que demonstra com a vida da sociedade, que procura estar em sociedade, não se mantém sentado a espera que o governo faça tudo por ele, mas busca se informar sobre os programas que estão a ser implementados, de modo a buscar sua integração. De uma forma geral, é um jovem activo, não no sentido de buscar transformar as condições estruturais da sociedade, mas no sentido de buscar a transformações nas suas condições de vida, tirando proveito das oportunidades em jogo.

A interiorização destas características para auto-construção, conduz os jovens desta categoria a organizarem o seu quotidiano com base nelas. O depoimento a seguir constitui exemplo das práticas levadas a cabo para dar vida ao jovem continuador, como podemos ver:

Eu procuro estar sempre informado sobre o que governo e outras instituições estão a promover, procuro estar nos debates organizados e dar minha ajuda em tudo o que eu

puder sem mesmo me darem algum valor porque este é o meu dever como jovem e fazendo isso, estou comportar-me como jovem. Procuo ser empreendedor para gerar auto-emprego, o governo não tem condições de dar emprego a todos, por isso é bom ajudar a mim mesmo criando condições de sobrevivência, enquanto não conseguimos realizar tudo o que queremos dentro da sociedade. (Jovem de 22 anos de idade, com 12ª classe)

Eu estou sempre nos debates públicos e televisivos porque é onde aprendemos a ser os jovens que devemos ser, porque transmitem o que se espera de nós. Mas também sem ir aos debates faço outras coisas no meu bairro, envolvendo-me em associações que implementam programas de desenvolvimento. Este é o quotidiano do jovem, como dizia o meu pai (Jovem de 25 anos de idade, com 7ª classe)

Existe nos entrevistados a preocupação de tornar real o jovem construído ou interiorizado por eles. Vemos que estes estão no seu quotidiano, a ser os jovens continuadores que eles definem. A busca da informação sobre o que está acontecendo no plano dos projectos nacionais e comunitários é uma actividade central na vida destes jovens, pois é com base nessa informação que podem tomar partido de práticas que estão sendo levadas a cabo.

Na linha de Berger e Luckmann (2004), estas práticas quotidianas, as relações sociais estabelecidas nesses espaços de participação, as associações comunitárias, os debates públicos são condições estruturais que têm como função, garantir conservação da subjectividade na qual assenta a identidade de jovem continuador. Todos estes elementos, permitem aos entrevistados conservarem a si mesmo como este jovem continuador por que é ai onde encontram o que eles podem dar continuidade.

Este jovem assume como seu dever, tomar iniciativas próprias de modo a atingir os seus objectivos. O governo está isento de qualquer culpa pela falta de progressão dos indivíduos, pois cabe ao jovem desencadear esforços para atingir os seus objectivos. Estes objectivos construídos pelos jovens explicam suas acções no sentido de buscar integração nos programas do Estado. Numa primeira fase esta integração pode levar uma ideia de submissão as ideologia dominante, responsável pelos programas de desenvolvimentos nos diferentes domínios da sociedade.

Todavia, Berger e Luckmann (2004, p. 160) chamam-nos atenção, para não reduzirmos a integração a passividade, aconselhando a necessidade de olhar para os interesses em jogo. De acordo estes autores, “frequentemente uma ideologia é aceite por um grupo por causa dos

elementos teóricos específicos que são proveitosos aos seus interesses”. Num dos depoimentos identificamos o recurso a ideia do empreendedorismo, como uma forma de atingir seus interesses, revelando a aceitação dos discursos de empreendedor construídos e defendidos pelo governo Moçambicano.

De acordo com Castel-Branco (2010), o governo de Moçambique adoptou discursos de crítica, contra a cultura de pobreza, elogiando a cultura do empreendedorismo individual. Os jovens desta categoria interiorizam e reproduzem o discurso de empreendedorismo governamental para o alcance dos seus interesses. Biza (2007), designa esta forma do jovem se relacionar com as instituições como submissão estratégica, na medida em que se submete aos discursos políticos dominantes de modo a subtrair benefícios ao seu favor. Se procurássemos explorar este ponto estaríamos, a extrapolar os limites do alcance do nosso trabalho, pelo que, limitamo-nos a referir que os jovens têm seus objectivos definidos que lhes levam a recorrer aos projectos referidos.

Deste modo, podemos verificar que nesses programas, os jovens não só encontram condições para a conservação da subjectividade do jovem continuador, como também, constitui um espaço de socialização. Os discursos do espírito de empreendedorismo divulgados nas práticas governamentais, são interiorizados pelos jovens definindo-se como continuadores destas práticas. Assim, os projectos aos quais os entrevistados socializam, conservam a identidade deste jovem.

A construção e sobrevivência dos jovens desta categoria, é possível nesta contínua relação entre eles e as instituições do Estado, sendo que os primeiros encontram nos segundos, as fontes de construção de seu quadro de referência, como as estruturas de sua conservação. São as relações sociais das quais participam nos projectos apontados que desempenham estas duas funções, tornando possível a existência deste tipo de jovem.

4.2.3. O jovem produtor da moda

Nesta secção construímos e discutimos, mais uma vez, o jovem construído como produtor, mas desta vez não de programas ou projectos sociais e políticos construídos por outros, mais sim de uma identidade construída no interior da sociedade de “consumo”. A categoria que discutimos, é

representada por jovens que se mostram aparentemente desligados da vida política, integrando-se, sob ponto de vista da extensão, no universo mais abrangente da sociedade.

Alguns depoimentos podem nos dar, logo a partida, uma ideia clara desta categoria na qual o jovem é visto como aquele que se identifica com o que se afirma estar na moda, se não vejamos um deles:

Basta estar na moda é ser jovem. Estar aí apresentado de um forma que todos conseguem ver logo de primeira que se trata de um jovem. Moda é vestir o que está a bater e o que as pessoas quando olham dizem sim moço, estás um jovem, estás bem apresentado. É ser swagger como dizem hoje. (27 anos de idade, no ensino superior)

Este depoimento remete a um debate que vem assumindo um lugar central na discussão sociológica. Referimo-nos a designação que pode se dar às sociedades actuais. Autores como Baudrillard (1970) recorrem a designação sociedade de consumo para se referir ao facto de muitas das promessas feitas pela modernidade são hoje centralizadas no consumo, como o meio para sua realização, referindo-se, dentre outras, a felicidade, liberdade, autonomia, auto-realização. Existem outras designações, a de sociedade abundância, contudo, para os efeitos da nossa análise é válida a primeira, pois permite reflectir sobre a moda.

Deste modo, os jovens constroem-se a si mesmo a partir de categorias que não são, necessariamente, construídas dentro do campo e das lutas políticas, mas fora desta, mas podem servir de base para o desenvolvimento de acções e relações políticas. No depoimento que trouxemos anteriormente o jovem é concebido como sendo aquele que está na moda e o estar na moda é concebido como vestir o que a maioria⁵ veste e aprecia.

Os traços característicos dos jovens desta categoria, especificam de forma detalhada os elementos que permitem a atribuição de estatuto de jovem. O depoimento que apresentamos a seguir arrola algumas das características deste jovem, como podemos ver quando o entrevistado afirma que,

São muitas características, por exemplo, os tipos de calças têm que ser umas, bem apertadinhas que estão na moda, que tem cores que acendem e chama atenção. Um sapatinhas que combinam bem com as calças, camisa, ter telemóveis também da moda

⁵ A moda no sentido estatístico é válida para reflectir esta situação.

como estes último samusung. Cada um pode se apresentar a sua maneira basta estar dentro do que a sociedade considera de moda. (27 anos de idade, no ensino superior)

Estas características são traços que devem ser apresentados por um indivíduo para que seja reconhecido socialmente como jovem. Vimos no primeiro depoimento desta secção que o jovem deve ser reconhecido por outros como jovem e para tal deve mostrar-se integrado no mundo da moda. A interiorização dos padrões de vestir (o que vestir e como vestir) garante aos entrevistados aceitação nos grupos de pares ao longo das suas acções quotidianas. Deste modo, é no quotidiano, na relação com os outros, que os jovens buscam estes elementos padronizados para se autodestruírem e conseguem confirmação da sua identidade.

Estes dados corroboram os dados do trabalho de Esteves e Abramovay (2007), apresentado na revisão da literatura no qual verificou que existe uma grande preocupação, no contexto brasileiro de os jovens encontrarem na roupa e no consumo os quadros de referência para a construção de sua identidade. O que os jovens procuram é ser aceites, fazer parte de certos grupos, afirmando a sua identidade social por meio da adequação da maneira de vestir, confirmação da linguagem corporal às exigências do meio social em que tem vontade de se incluir.

Esta identificação dos jovens com o consumo não pode nos conduzir ao aniquilamento do actor político que podemos encontrar nestes jovens, pois este comportamento pode reflectir uma acção política mais crítica do que pode parecer, como afirma Miller (1995 apud Goidanich, 2004) ao sublinhar que o consumo pode representar o meio de exercício da cidadania. Excederia nossa preocupação actual, se aprofundássemos o carácter político do consumo dos jovens, sendo suficiente esta pequena introdução cujo aprofundamento fica para o último capítulo.

Para já, basta-nos referenciar que a auto-construção dos entrevistados como jovens, tem como base uma subjectividade cuja estrutura de conservação se encontra nos grupos de pares, insistimos mais uma vez. Embora encontremos nas falas dos entrevistados referências às publicidades e as lojas de roupa, é nos grupos dos quais procuram pertencer onde ocorre a interiorização e confirmação da moda como meio para a sua auto-construção, uma vez que, o outro significativo é os outros membros do grupo.

4.2.4. O jovem actor crítico

Discutimos nesta secção, a terceira categoria das construídas pelos jovens alvos das práticas discursivas da LJMDM. Esta categoria distancia-se das duas anteriores pelo posicionamento crítico que o jovem aqui construído assume com relação as instituições da sociedade, em geral e das instituições políticas em particular.

O actor crítico das práticas institucionais é a categoria de jovem que abarca aqueles indivíduos que assumem um posicionamento crítico no que diz respeito as tentativas de imposição de discursos que na perspectiva dos entrevistados, não conduzem a construção de uma sociedade digna e que tenham como intenção trapacear, como podemos ver nos dois depoimento a seguir nos quais afirma-se que,

O jovem é hoje uma pessoa que tem consciência das coisas que acontecem na sociedade e que compreende que toda a acção é uma acção política. Não se deixa enganar por discursos políticos que dizem que estão ao seu serviço, que estão para ajudar. Nós somos críticos, interventivos e activos. É aquele que não se vende para conseguir boa vida, que não escova nenhum dirigente porque defende seus próprios princípios e princípios de uma sociedade melhor. Não esta que temos hoje. (34 anos de idade, no ensino superior)

Não e fácil definir jovem, mas para mim é um actor político que se preocupa em fazer algo positivo para sociedade, não anda por ai a enganar as pessoas com discursos políticos. Ao contrário, rejeita esses discursos políticos que só querem nos enganar e também não aceita normas e valores que não levam a realização do homem. A sociedade actual não ajuda a realização do homem, há muita corrupção, exploração. O jovem é quem age contra isto. (28 anos de idade, no ensino superior)

Comecemos por fazer referência a contemporaneidade do jovem, como actor crítico. O primeiro depoimento inicia com a expressão “hoje”, revelando que o conhecimento de jovem com base no qual se auto-constroem tem sua existência nos estágios actuais do desenvolvimento da sociedade. Não que nos estágios passados da nossa sociedade não tivesse existido jovens críticos, até porque que mais dura que seja uma ditadura, afirma Bobbie (1997), pode-se ter a certeza que espíritos

democráticos, daí podem emergir. Mas, não podemos negar que a consciência e massa crítica⁶ tornam-se hoje mais aberta e explícita.

Nos dois depoimentos que apresentamos nas linhas anteriores os entrevistados apresentam a concepção de um jovem que tem, primeiro a consciência crítica dos acontecimentos que vão decorrendo na sociedade e segundo que toma uma posição diante destes acontecimentos. Não deixam a realidade simplesmente acontecer, assim como não tomam partido de situações nas quais os valores defendidos contradizem aqueles que levam a realização plena do homem. A defesa da actividade política crítica, distancia os jovens desta categoria, dos da categoria do jovem reprodutor da moda, visto que, enquanto estes deixam a política decorrer segundo as suas próprias regras degradantes, preferindo não fazer parte, aqueles afirmam a necessidade de ir contra esta política degradante e enganosa.

Os valores interiorizados e defendidos por estes jovens estão para além da busca de uma vida luxuosa. Ou seja, os interlocutores desta categoria afirmam que não abandonam seus valores em abono do melhoramento de suas condições de vida e muito menos se submetem (escovam) a qualquer dirigente para ascender social e politicamente. Estes jovens vivenciam duas sociedades distantes. Uma presente com a qual não se identificam e contra a qual lutam e outra futura, que procuram defender, produzir. A sociedade futura é a sociedade melhor que se distancia desta actual na qual a corrupção é uma das características que a torna degradante.

Esta posição crítica, assumida com base nesta concepção de jovem, reflecte um pensamento utópico construído pelos entrevistados e não sonhos de um futuro melhor. Vimos que na concepção de consciência utópica de Mannheim (1982), o desenvolvimento de prática para a materialização da realidade construída é fundamental. Para usar os termos de Berger e Luckmann (2004) a utopia só existe quando o conhecimento construído sobre a realidade oriente as acções dos indivíduos sobre essa mesma realidade.

⁶ O sentido da consciência crítica aqui usada é o proposto por Freire (apud Silva e tal, 2009, p. 124) segundo o qual reflecte o terceiro estágio de consciência do ser humano, e se caracteriza por uma visão além de mais ampla do homem como também mais dinâmica. O homem analisa os acontecimentos ao seu redor e busca soluções, ele transforma a sua realidade. Esse ser é situado e temporalizado historicamente, ou seja ele participa activamente de sua história. (ver referência completa nas referências bibliográficas)

É o que o acontece com os entrevistados, que caracterizaram o jovem crítico como alguém que “defende seus interesses”, “expressa opiniões”, “não se deixa enganar pela sociedade do consumo”, “não se centra no exibicionismo”, “não crê em tudo que ouve”, “age de modo a mudar a coisas” “não se limita a falar”. Estes princípios, que negativa (dizem o que não deve fazer) e positivamente (dizem o que deve fazer), definem a identidade do jovem actor crítico devem ser e são materializados rumo a uma sociedade. Olhemos para o depoimento a baixo:

Eu faço a minha parte. Faço música Hip-Hop. Através da música faço as minhas críticas aos diferentes sectores da sociedade, demonstrando o que está mal, o que deve mudar e o que seria melhor para todos. Procuo não me envolver em partidos políticos porque são essas as piores fontes de alienação, de instrumentalização. E fico atento aos eventos da sociedade, associando-me a pessoas que demonstram que também estão preocupadas com o bem social. Estamos a criar um movimento com uns colegas de reflexão crítica e de intervenção social de modo a agirmos e tornarmos as coisas melhores. Procuo fazer o que está ao meu alcance sem perder de vista os princípios da dignidade. Por exemplo participei da manifestação contra lei que aprova os privilégios dos debutados em Moçambique. (34 anos de idade, no ensino superior)

Este trecho reflecte uma mentalidade utópica. Para fecharmos a interpretação do carácter utópico desta categoria podemos recordar que em termos mannheimianos consideram-se utópicas “todas as ideias situacionalmente transcendentis (não apenas projecções desejadas) que, de uma forma, possuam um efeito de transformação a ordem histórico-social existentes” (Mannheim, 1982, p. 229). O facto de se ter impedido a aprovação da lei dos privilégios dos advogados se não reflecte numa transformação, pelo menos constitui um impedimento para a solidificação da sociedade actual contra a qual se procura lutar.

Podem alguns de vocês objectar que apenas entrevistamos um reduzido número de pessoas que, em função da composição numérica, não podem realizar grandes transformações. Para essa objecção oferece-se uma resposta segundo a qual “ocorre com grande frequência que a utopia dominante surja inicialmente como uma quimera de um único indivíduo, somente mais tarde incorporada nos objectivos políticos de um grupo mais inclusivo que, a cada estágio sucessivo, pode ser sociologicamente determinado com maior exactidão” (Mannheim, 1982, p. 230). Deixemos a exploração exacta do carácter utópico desta categoria de jovens para estudos que tenham esse fim como o principal objectivo.

Para já, voltemos a análise do depoimento que trouxemos anteriormente. No depoimento em referência a música Hip-Hop é identificada como o meio pelo qual a crítica à sociedade é materializada, apontando-se para os elementos negativos da sociedade e as mudanças que devem ser realizadas para que se alcance a sociedade melhor. Aponta-se ainda que não se procura envolver com partidos políticos. Esta intervenção concreta do jovem crítico reflecte uma característica peculiar do jovem como o actor político e da construção de novos espaços políticos, isto é, são jovens que desenvolvem a crítica sem estar integrado em agrupamento políticos o que lhe permite a construção de espaço político não formal – no sentido restrito da palavra formal.

Este fenómeno não acontece só em Moçambique. Num estudo desenvolvido no contexto brasileiro, Augusto (2008) verifica que os jovens da periferia constituem verdadeiros actores políticos que desafiam a ordem da polícia, construindo espaços informais de prática política. Assim, para o autor, o jovem deve ser visto como uma categoria que pode ser positivamente integrada na mudança política, sem que lhes seja imposto a reprodução de regras do sistema político.

Esta não observação directa e participante do espaço político permite aos jovens entrevistados alargarem o seu campo de intervenção crítica, para a sociedade como um todo, extrapolando os limites do domínio político, no sentido restrito do termo, para direccionar as suas críticas, por exemplo ao consumismo apresentado por alguns sectores juvenis. Quando arrolamos as características desta categoria fizemos menção ao facto dos entrevistados afirmarem que não se deixam alienar pela sociedade consumo, pelo espírito do exibicionismo.

A perspectiva construtivista de Berger e Luckmann (2004) leva-nos a considerar que esses espaços do exercício da crítica são campos institucionalizados, nos quais os indivíduos interiorizam os princípios identitários que permitem a construção do jovem como actor político e crítico. Para além do depoimento anterior reflectir essa interiorização, o que apresentamos a seguir o faz com mais precisão, como podemos verificar:

Aprendo com as pessoas com quem me relaciono. Eu disse, eu faço música e as pessoas com quem eu me relaciono também fazem música de intervenção social. Aí eu aprendo com elas e também dou minhas contribuições de forma livre e autónoma. (34 anos de idade, no ensino superior)

Os grupos de pertença destes jovens constituem espaços de um agir comunicativo no qual se aprende e também se contribui. Esta característica pode justificar o facto de se posicionarem contra os valores defendidos pela política em particular e na sociedade em geral. A valorização da liberdade de expressão, da autonomia e de auto-construção é um dos princípios que orienta a vida das colectividades que procuram constituir-se como movimentos sociais capazes de injectar grandes mudanças na sociedade. Vimos num dos depoimentos apresentados anteriormente, nesta secção, que dos entrevistados afirmam estar a levar a cabo iniciativas de criação de um movimento social.

Nesta ordem de ideias, é nas colectividades sociais dessa natureza nas quais os jovens partilham esta concepção de jovem que é construída, dentro da relação dialéctica com a sociedade presente. Os jovens definem-se em oposição (de rejeição) aos valores propalados na sociedade actual, o que faz com que os valores defendidos sejam compreendidos neste contexto estrutural no qual as subjectividades dos indivíduos se encontram com as objectividades estruturais. Para Touraine (1984), a modernidade permite a emergência deste jovem que constrói a si como um actor social que age contra toda as imposições de normas e valores institucionais, defendendo valores como autonomia, liberdade, justiça e igualdade universalmente partilhados.

Realizamos uma profunda discussão sobre a construção das categorias de juventude por parte dos entrevistados tanto da LJMDM, como os do grupo dos jovens visados nas práticas desenvolvidas por esta agremiação política. Verificamos proximidade e distanciamentos entre estas, onde algumas remetem a mudança social, outras remetem a reprodução da realidade presente. A do jovem como actor da mudança e actor crítico pertencem ao primeiro grupo (mudança) e as do jovem continuador e jovem da moda pertencem ao segundo grupo (reprodução). A construção de uma, como de outra destas categorias ocorre dentro de uma relação dialéctica com a estrutura social na qual encontram bases para a sua conservação.

4.3. Categorização da juventude: práticas discursivas

Estivemos no subcapítulo anterior a discutir as categorias sociais de jovem construídas pelos entrevistados. Vamos neste discutir as práticas discursivas – conceito central na análise que realizamos – desenvolvidas pela LJMDM no âmbito das suas actividades como uma agremiação fundada para lidar especialmente com o jovem. Dividimos a nossa discussão em duas secções, das quais a primeira retrata as acções de beneficiação e a segunda as acções de mobilização.

4.3.1. Acções beneficiárias dos jovens

Tendo sido construída dentro do campo político, é normal que esta agremiação, desenvolva acções que tenham como objectivo alcançar aqueles que podem garantir o alcance da satisfação dos seus interesses políticos. Discutimos estas acções desenvolvidas pela LJMDM com o objectivo de beneficiar os jovens, ajudando-os a enfrentar algumas dificuldades encontradas no seu quotidiano e a desenvolver algumas iniciativas próprias.

Os depoimentos que apresentamos a seguir sintetizam as acções que a agremiação vem desenvolvendo, como podemos verificar:

Participávamos em várias actividades culturais e sociais junto das comunidades desenvolvidas por jovens, limpezas das valas de drenagem e ajudar alguns jovens a formarem associações, ajudar os jovens a fazerem diferentes cursos, a construir uma consciência crítica. Fazíamos também trabalhos de advocacia para alguns jovens com problemas, eram várias práticas. De maneira voluntária e sem fundo. (34 anos de idade, membro da LJMDM)

As nossas actividades consistiram em dar apoio material a jovens de modo a desenvolver algumas actividades com o apoio de nossos parceiros. Capacitamos e formamos jovens em diferentes áreas profissionais. Procuramos tornar o jovem numa pessoa que se torne independente do governo de modo a ser autónomo nas suas escolhas e mude a sociedade. (27 anos de idade, membro da LJMDM)

Vemos nos dois depoimentos algumas das actividades desenvolvidas pelos jovens da LJMDM, para os jovens de diferentes distritos da província de Maputo. A forma como as acções são desenvolvidas, faz com que ultrapassem a simples assistência social, visto que, não se limitam a

concessão de bens e serviços que tenham como objectivo satisfazer as necessidades básicas dos jovens visados, embora nalgumas situações, como é o caso dos serviços de advocacia, identifiquemos algum denominador assistencialista, o que é comum nas actividades políticas dentro das sociedades capitalistas⁷.

Vemos no primeiro depoimento a preocupação em desenvolver uma forma de relação com os jovens baseada na cooperação no sentido de intervirem nalgumas áreas para melhorar as condições de vida da população no geral. A liga incide sobre o mundo quotidiano dos jovens, procurando cooperar naquele plano da vida sobre o qual os jovens incidem as suas preocupações ou canalizam as suas energias.

A ideia expressa no primeiro depoimento, no sentido de estarem a prestar serviços de advocacia de maneira voluntária, não pode nos conduzir a construção de uma ideia de retirar a existência de ganhos por parte da liga. Afirmamos no início que, apesar se situarem em diferentes áreas da sociedade, todas as acções continuam tendo um denominador comum, busca pelo poder, o que vai ficar claro na próxima secção. Assim, estas acções não podem ser vistas como sendo tão voluntárias como os discursos nos pretendem fazer perceber.

Encontramos nestas acções a influência da categoria do jovem como actor de mudança discutida na primeira secção do subcapítulo anterior. Tanto num, como noutra depoimento dos dois apresentados anteriormente a condução dos jovens a tomada de consciência da possibilidade de mudar as condições actuais e a construção de uma vida autónoma tem como base esta categoria, buscando fazer os jovens visados, auto-construírem-se com base na concepção do jovem como actor da mudança.

Estas práticas constituem meios da transmissão das condições objectivas da realidade, neste caso, da categoria cuja existência está objectivada na LJMDM. Por meio destas, os jovens desta agremiação procuram levar os jovens abrangidos a interiorizarem a categoria de jovem actor da mudança. Atendendo que os jovens abrangidos trazem consigo uma subjectividade já constituída, é compreensível que este envolvimento da liga em acções concretas, seja uma via a qual tenha recorrido, uma vez, o que buscam procurar uma conversão de uma subjectividade já solidificada para outra que pretendem construir. Esta conversão é uma acção implicada em todo

⁷ Para aferir a natureza assistencialista das práticas dos políticos ver Faleiros (1980).

o processo de categorização e para este caso, não seria diferente. Porém, nestas acções a categoria de jovem actor de mudança não está apresentada de forma clara, mas está implícita na forma como a liga lida com os jovens. Podemos facilmente, porque temos a facilidade teórica de problematizar, identificar essa categoria na resposta de um dos membros quando questionamos q sobre a finalidade da criação das associações. A resposta foi simples e directa – “em conjunto é fácil mudar as condições da sociedade”.

A subtileza do processo de categorização foi expressa por Bourdieu (2003), ao mostrar que os actores políticos em luta no campo político, recorrerem as acções e linguagens corriqueira para impor aos agentes do campo político categorias que os favoreçam na luta que tem lugar dentro deste. Por exemplo, a formação pode parecer integralmente profissional, mas está a conduzir implicitamente ao processo de institucionalização da categoria de jovem em jogo. O depoimento que apresentamos a seguir expressa de forma mais clara ainda que, o que para os jovens pode parecer uma simples ajuda, para a liga aparece como um processo de categorização. Ora vejamos:

Eu penso que o governo do dia ainda não esta preparado para levar a governação para a juventude porque, pelo que estou notando, é que as pessoas que estão no poder ainda vivem da história. E quem vive da história esta agarrado ao passado e são resistentes as mudanças. O país precisa de uma nova mudança, uma nova revolta. Haverá novos actores políticos, novas ideias. Assim, um país para todos, emprego para todos, empreendedorismo ligado as diferentes faixas etárias e não para um grupo, um país que não pensa que o género é só ser mulher. (34 anos de idade, membro da LJMDM)

É a construção de um novo actor político que está em jogo, nas acções que estamos a analisar. Este autor político é ou será responsável pelas mudanças que vão transformar as condições da sociedade actual, conduzindo a construção de uma sociedade na qual o haverá emprego para todos, independentemente da faixa etária, como podemos ver no depoimento anterior. Não nos interessa a nós, assim como aos autores do nosso quadro teórico a veracidade dessas afirmações ou promessas, mais sim a sua função na orientação das acções dos actores políticos. Interessa o facto dos jovens da liga agirem em função desse pensamento e dos jovens visados poderem adoptar formas de reacção diante dessas promessas.

Ao interpretamos as acções beneficiárias dos jovens dos distritos desenvolvidas pelos jovens da LJMDM, foi possível, nesta secção, verificarmos que se trata de práticas discursivas com finalidade de categorização. Procura-se construir os jovens como novos actores políticos com consciência que possam conduzir e realizar de mudanças na sociedade. Logo, é uma forma de socialização pelo qual os jovens são “convidados” a entrar para a liga como um dos tantos submundos existente na sociedade.

4.3.2. Acções de mobilização dos jovens

Nesta secção discutimos acções de mobilização desenvolvidas pela liga junto dos jovens. Esta é uma acção que os jovens da liga assumem como sendo a sua actividade central. Para compreendermos efectivamente as diferentes dimensões das acções discutidas nesta parte do trabalho, é pertinente recordamos a forma como operacionalizamos o conceito de discursos. De forma resumida consideramos discursos na sua dimensão da escrita, fala e acção. Antes exploramos algumas acções, aqui vamos incidir sobre a dimensão a fala.

A mobilização política desenvolvida pela liga, é feita directamente numa relação *face-a-face* com os jovens sem a intermediação de qualquer tecnologia. Procura-se atingir os jovens nas suas residências. Podemos apreciar este processo neste depoimento, no qual afirma-se o seguinte:

A mobilização é a nossa principal actividade. O nosso epicentro é a mobilização feita porta a porta. A gente caminha, vamos para um bairro, batemos porta por porta e convidamos os jovens a fazer parte da família MDM. E também temos tido reuniões com grupo de estudantes universitários, escolas secundárias. Organizamos por mês duas a três reuniões. (34 anos de idade, membro da LJMDM)

O processo de mobilização apresenta dois momentos que estabelecem uma relação de continuidade. O primeiro é a formulação do convite aos jovens para que se juntem a outros jovens do partido e o segundo momento é da realização das reuniões com os jovens. Tanto num como noutra momento, as mensagens são transmitidas para os jovens no sentido de garantir que eles se façam a LJMDM. De uma forma geral, a mensagem consiste em apresentar os objectivos do partido, sua lógica de actuação e as condições do país. Vejamos o depoimento as seguir:

Nessa mobilização falamos dos objectivos do nosso partido, do que o nosso partido pretende com o jovem e falamos da situação do nosso país que os jovens precisam mudar porque outros jovens fizeram a sua parte no passado e que nos devemos também fazer a nossa hoje. (34 anos de idade, membro da LJMDM)

Estamos diante de um momento dialéctico, no qual podem encontrar-se indivíduos com concepções diferentes do que significa ser jovem, um momento no qual pode ocorrer a desconstrução das categorias existentes, a imposição de uma das categorias ou mesmo a institucionalização de uma nova categoria de jovem. A liga transmite para os jovens a categoria por eles construída revelando que a adesão à agremiação implica a aceitação desta categoria, a interiorização daquelas características que arrolamos sobre o jovem actor da mudança.

Nesta mobilização são transmitidas mensagens com o cunho de linguagem revolucionária, apelando a necessidade de mudança das condições da sociedade. A língua é uma das principais técnicas que pode ser utilizada para conduzir ao processo de conversão, ou seja, de transformação da subjectividade, principalmente a utilizada *face-a-face*. Compreendemos assim, porque é que para a liga a mobilização *face-a-face* é sua actividade central. A levar os jovens a falar sua língua poder ser um meio eficaz para provocar a difícil de transformação da subjectividade que a criação de um espírito revolucionário requer.

Existem na sociedade, submundos difíceis de introduzir os indivíduos e o da revolução ocupa lugar central. Levar o indivíduo cuja rotina é caracterizada pela calma, pela reprodução e pela conservação da ordem a mudar, de uma dia para o outro, para um modo de vida revolucionário no qual as mudanças são radicais, contínuas e constantes, não pode ser visto como uma tarefa fácil. O aconselhável é recorrer uma mudança de rotina paulatina, o que pode ser materializado pela introdução gradual da língua revolucionária. A superação desta barreira é feita pela liga, por meio do contacto *face-a-face*, feito nos bairros e nas reuniões, assim como pela legitimação de modo a conseguir a plausibilidade da categoria do jovem actor de mudança.

A legitimação reforça este processo de transmissão ao fazer mais uma vez, referência ao passado para construir nos jovens a consciência do dever, para com a mudança das condições da sociedade. A ideia de mudar e a referência à situação do país são duas condições necessárias para que os presentes se transformem em actores da mudança. Este acto de transformação seria possível mediante um processo de nova socialização, uma vez que, os jovens já trazem consigo

uma subjectividade, seria necessário mudar esta subjectividade de modo que se construam jovens novos, se for esse o caso.

Para alguns jovens a categoria dos jovens actores da mudança, pode não constituir uma ruptura com as categorias com as quais vinham se construindo, mas para os outros, pode constituir uma situação problemática. Analisemos a seguir como os jovens de cada categoria reagem a categorização.

4.4. De jovem para jovem: uma relação antagónica

Fizemos referência no subcapítulo antecedente que a categorização não se limita à construção, mas implica necessariamente a imposição das categorias definidas por meio de um conjunto de práticas que podem deixar claro este processo, mas podem também ocultar esta imposição. Neste capítulo discutimos a relação que a LJMDM estabelece com os jovens mobilizados, tendo como base o conceito de antagonismo a partir do qual, assumimos que a categorização encontra do outro lado, jovens que em função das suas próprias categorias podem reagir de diferentes maneiras. Deste modo, três situações são construídas: a primeira na qual ocorre apenas uma filiação formal a LJMDM; a segunda na qual ocorre apenas uma filiação identitária; e a terceira na qual não ocorre nenhuma destas situações.

4.4.1. A representação social do jovem como actor da mudança

Iniciamos nossa discussão com a categoria na qual, integramos aquela relação onde a categorização levou os jovens a se filiarem a LJMDM. Porém, a exploração desta categoria nos conduz a verificação da ausência de uma identidade jovem, construída a partir da categoria jovem actor da mudança.

Interrogarmos aos membros da liga, sobre a forma como os jovens abrangidos vêm reagindo às suas acções de mobilização, pelo que, foi-nos respondido que,

Os jovens tem aderido no sentido de que o MDM é a esperança para a juventude e é um partido que está mais aberto para aquilo que são os ideais dos jovens. Se formos a ver,

qualquer actividade dentro da cidade de Maputo era planificada pelos jovens e implementados pelos mesmos, com o apoio do partido. E isso para os jovens era o grande incentivo. Isso mostrava que o MDM era diferente de outros partidos porque os jovens querem fazer parte do fórum de tomada de decisão do país. Quando eles têm essa liberdade eles sentem-se a vontade. (34 anos de idade, membro da LJMDM)

Vemos que neste depoimento se faz referência aos jovens que se filiam formalmente a LJMDM, assumindo-se como membros do partido. Apesar de se afirmar que os jovens aderem a esta agremiação política porque encontram condições reais da realização das aspirações dos jovens, não podemos assumir que esta forma de conceber a realidade é partilhada por todos os jovens que se filiam a liga. A abertura às ideias dos jovens, a participação destes na planificação e implementação de projectos, podem ser aspectos que favoreçam a interiorização e conservação da identidade de jovem, como actor da mudança como categoria transmitida e partilhada na liga, contudo, podem não levar a efectiva interiorização.

Esta situação ocorre no caso do jovem autor do depoimento abaixo, no qual afirma que se filiou a LJMDM por acreditar que existem condições dentro da agremiação que favoreçam a satisfação dos interesses dos jovens. Vejamos o depoimento seguinte:

É um partido novo que tem possibilidade de mudar as condições da sociedade, satisfazendo as necessidades dos jovens. Eu filiei-me sim, à LJMDM e participo de algumas reuniões, mas ainda não existe muito espaço para eu fazer mudanças. Assim, temos que procurar emprego por nós mesmo, temos que estar integrados não só no partido, mas também em outros sítios onde possamos ter acesso a condições de vida, como projectos sociais e fazer o que nos é exigido sem mudar nada (23 anos de idade, na 12ª classe)

Este jovem levou a cabo apenas uma filiação formal na LJMDM, sem que tenha ocorrido uma conversão sob ponto de vista da sua subjectividade. Com filiação formal, referimo-nos ao acto de se tornar membro da associação pelo simples facto de se ter o cartão do membro sem que haja interiorização das categorias sociais institucionalizadas na liga. Este facto não surpreende, visto que, é normal em muitas situações que um indivíduo seja membro de um grupo apenas por seguir suas normas, mas que se identifique com outros grupos dos quais não assume explicitamente sua pertença.

Basta lembrar-nos da crítica que Garfinkel (apud Coulon, 1995) faz a noção de membro da Parsons que implica unicamente a partilha simplesmente, das regras impostas nessa colectiva. Enquanto, sob ponto de vista da etnometodologia, ser membro implica a exibição da competência linguística demonstrada no “aqui” e “agora” no mundo da vida quotidiana. É o que Berger e Luckmann (2004) demonstram ao colocar ênfase na linguagem quotidiana, para a condução do processo de conversão. Os entrevistados desta categoria não exibem uma partilha da categoria do jovem actor de mudança, antes, não obstante estarem filiados, sustentam uma identidade jovem que reproduz a categoria trazida consigo antes da filiação.

O jovem como continuador dos projectos políticos e sociais continua sendo a identidade do entrevistado que não foi alterada pela simples filiação formal. A ligação que este jovem estabelece com os projectos dos quais procura participar tem forte influência para que a conservação não tenha ainda ocorrido e oferece mecanismos implícitos ou explícitos de defesa contra a conversão. Porém, o facto de o jovem estar filiado a LJMDM faz com tenha de lidar com a ameaça de conversão, vivendo um antagonismo.

O estar o filiado e ser reconhecido por outros como o membro da liga, por ocultar estar relação antagónica, mas o jovem tem consciência de vivenciar dois mundos mutuamente exclusivos é ameaça da conversão, se não vejamos no depoimento a seguir:

Eu participo das reuniões, dou minhas opiniões, participo de alguns programas. Por exemplo estava às vezes na campanha que passou. É assim, que eu acredito que podemos ser jovens da mudança no país, mas para mim não é fácil porque tenho que me sustentar. Não posso me envolver muito e deixar de ver outras coisas porque no partido não pagam. Por isso eu estou mais inclinado para os projectos que estou a dizer. Prefiro ser ainda aquele jovem que eu disse antes, que dá continuidade aos projectos. (23 anos de idade, na 12ª classe)

A participação em algumas actividades da liga pode ocultar o antagonismo que ocorre entre este jovem e a realidade da LJMDM. Porém, o desencontro entre a realidade subjectiva do entrevistado e a tipificação do jovem institucionalizada na liga denuncia de imediato a relação antagónica. Por um lado participa das reuniões, da campanha sem se deixar envolver, por outro participa dos projectos onde continua sendo aquele jovem continuador. O desempenho destes

papéis contraditórios só possível pela sua representação quotidiana, que numa destas pode ser falsa.

Na LJMDM, o entrevistado aprecia o jovem actor da mudança, mas não o é no seu quotidiano, limitando-se a representar de modo a ser assim concebido pelos outros. Esta é a falsa representação, a qual Goffman (1988) faz referência. De acordo com este autor, esta representação consiste em o indivíduo procurar transmitir uma imagem para outros que não corresponde a sua realidade. Insistimos neste jovem no sentido de compreender a razão, da sua filiação. A resposta foi simples: “*garantir o futuro porque as coisas podem mudar*”. A filiação à liga é uma acção racional, como forma de garantir lugar na sociedade que os jovens da liga almejam construir.

Deste modo, a categoria de jovem actor de mudanças apresentada aos jovens no processo de categorização, uma vez que, transcende a realidade actual da sociedade, indicando para uma realidade futura, origina uma relação antagónica com os jovens que se mostram preocupados com a satisfação das suas necessidades e melhoramentos de suas condições de vida no presente, no qual não se consegue transformar a identidade virtual em real. Consegue-se apenas uma conversão formal, mas caracterizada pelo vazio identitário.

4.4.2. A identificação com o jovem actor de mudança

Nesta secção discutimos a posição de jovens que tenham passado pelo processo de conversão, tendo ou não se filiado formalmente à liga, depois de terem passado pelo processo de mobilização. Antes, como fizemos na secção anterior, apresentamos o discurso dos jovens da liga sobre os jovens que não aderem à sua agremiação, para depois incidirmos sobre a forma como os jovens constroem suas posições.

Os membros da liga entrevistados afirmam que a relação que têm com os jovens que tenham ou não se filiado ao partido é boa, embora tenha reagido dessa forma. Podemos verificar antes de profundas considerações o depoimento a seguir:

Boa relação, muito boa. A reacção dos jovens é muito boa, dentro deste todo trabalho nunca tivemos problemas, alguns podem não ser membros activos do partido, mas eles

dizem que nós estamos num bom caminho, dizem mais força, porque para eles o MDM veio quebrar a bipolaridade, hoje já temos multiplicidade de pensamentos. Mas, é bom saber que desde as eleições antepassadas e estas passadas, muitos jovens aderiram. (34 anos de idade, membro da LJMDM)

De acordo com os membros da LJMDM, mesmo com os jovens que posteriormente não aderiram à sua agremiação, tornando-se membros efectivos do partido, a relação é boa, uma vez que, os jovens que assumem este posicionamento reconhecem a qualidade do partido MDM. Podemos afirmar que, de uma forma geral, para a liga a sua relação é boa com todos os jovens independentemente da sua filiação formal à sua agremiação. Nesta categoria incluímos jovem que tendo ou não se filiados assumem a sua identificação em relação a categoria do jovem actor da mudança. Os dois depoimentos a seguir são exemplos destes jovens:

A ideia de jovem como o promotor da mudança é plausível para as condições actuais da sociedade porque, realmente, as coisas não estão boas e precisam de ser mudadas. O MDM propaga essa mensagem e, dos 29 partidos existentes em Moçambique, é o único com o qual me identifico. Eu procuro fazer as mudanças no meu dia-a-dia na sociedade. Então os jovens do MDM que façam a sua parte que eu também farei a minha. Quem sabe assim, podemos mudar alguma coisa neste país onde as coisas estão de cabeça para baixo. Mas é sempre manter um distanciamento crítico para não sermos facilmente enganados porque a política é maquiavélica. (28 anos de idade, no ensino superior)

Eu já conhecia o partido e já me identificava com os seus ideais muito antes de eu chegar. Quando comecei a estudar no ensino superior eu tinha aquela coisa, tenho que ir ao partido porque eu já me sentia membro do partido mesmo sem cartão, sem que tivesse nenhum conhecido lá. Aquilo para mim é como um espelho, um reflexo. Quando me abordaram pela primeira vez eu não hesitei, em me tornar membro porque já me sentia membro há muito tempo. Eu sou sim, esse membro da mudança, porque ser jovem é isso mesmo. (27 a nos, no ensino superior)

Os jovens interpretam de diferentes maneiras uma mesma realidade. O conhecimento acumulado ao longo das experiências vivenciadas é responsável pela forma como os indivíduos interpretações as tipificações existentes na sociedade, o que faz com que uns optem por filiar-se, outros por aceitar e outros, ainda, por rejeitar, como veremos até no final da nossa discussão.

No primeiro dos dois depoimentos anteriores encontramos uma situação na qual o entrevistado, em função de suas experiências anteriores nas quais sempre procurou comportar-se como um

jovem crítico da sociedade, vê na categoria do jovem actor da mudança uma continuidade da sua subjectividade pelo que não constitui uma situação problemática contra a qual deve adoptar mecanismos defensivos. Antes, assume uma posição de identificação com o que lhe é transmitido pela liga.

Não obstante vivenciar-se uma continuidade da subjectividade, é importante afirmarmos que esta é parcial, visto que, o entrevistado em causa, reitera o seu distanciamento crítico em relação as práticas políticas nas quais estão integradas as actividades da LJMDM. A integração da categoria de jovem actor da mudança não leva a uma transformação absoluta, uma vez que, de acordo com Berger e Luckmann (2004), a nova socialização dos indivíduos conduz a transformação da sua subjectividade, mas estes conservarão uma parte do que trazem consigo, ou seja, do que acumularam no passado.

Neste sentido, os jovens nesta situação não abandonam totalmente o seu quadro de referência, no qual vêm se baseando para construir-se como jovem, mas interiorizam outras formas. Deste encontro dialéctico, não resulta uma categoria igual a nenhuma das duas que participam da relação, mas sim uma categoria híbrida que não é nem a do jovem como actor crítico, nem de jovem como actor de mudança, mas sim de um jovem resultante de destas duas, isto é, um jovem com uma identidade híbrida. Esta constatação confirma a ideia segundo a qual, a relação antagónica pode conduzir a uma identidade política positiva, sem que seja necessário abandonar o campo político (ver a discussão do conceito de antagonismo no enquadramento conceptual).

Contudo, nestas situações em que o jovem participa, mais dos espaços nos quais interiorizou a categoria de jovem como actor crítico, é normal que com o tempo volte a ter só essa categoria como quadro de referência, visto que, pode não encontrar uma estrutura de modo a conservar a dimensão da sua identidade informada pela categorização desenvolvida sobre si, pela LJMDM. O hibridismo da identidade precisa deste encontro dialéctico entre o jovem crítico e o jovem actor de mudança para ser conservado.

Se com jovem na situação anterior ocorre uma aceitação do jovem actor da mudança, sem a filiação formal, no caso do jovem autor do segundo depoimento, dos dois apresentados anteriormente, a situação é parcialmente outra. Aqui ocorre a filiação partidária e a interiorização do jovem actor da mudança. Até porque não podemos falar de interiorização no

seu sentido rigoroso, visto que, esta já tinha ocorrido mesmo antes do contacto directo entre este jovem e os jovens da liga. O que ocorreu foi apenas a confirmação da identidade e o acesso a estrutura (reuniões, actividades, etc.) de conservação desta identidade.

Embora no primeiro caso, o entrevistado continua conservando uma parte da sua identidade com através da qual entra em contacto com a LJMDM e no segundo caso ocorra apenas sua confirmação, ambos revelam uma relação de identificação entre as partes envolvidas. Deste modo, podemos afirmar que a relação antagónica pode levar à relações não antagónicas entre os actores políticos em interacção.

4.4.3. A rejeição do jovem actor de mudanças

A terceira situação susceptível de ser descrita, a relação entre a LJMDM e os jovens a quem tem vindo a mobilizar, é esta em que ocorre uma rejeição aberta da tentativa de categorização desenvolvida pelos primeiros. Nesta secção, analisamos esta rejeição, buscando decifrar a forma como ela ocorre e as bases para a sua ocorrência.

Nos depoimentos dos membros da liga não identificamos nenhuma referência pelo facto de terem vivenciado qualquer situação de rejeição aberta por parte dos jovens a quem tem procurado abranger, pode ser uma questão de convicção política. Procuramos transpor esta barreira incidindo sobre os jovens, pois, são estes que adoptam formas de reacção pelo que, identificamos situações de rejeição da categorização desenvolvida pelos jovens da LJMDM. O depoimento apresentado a seguir reflecte esta forma de reacção:

Eu não acredito em nada do que dizem esses políticos. Hoje dizem que querem ajudar os jovens, mas amanhã quando chegam ao poder, esquecem do que prometeram ao jovem. Eu sou jovem, a minha maneira, respeito a posição de cada um. Somente peço que também respeitem a minha posição e não tentem me obrigar a ser jovem ao vosso jeito para depois eles tirem dos lucros. Já estão no poder em alguns municípios, mas ainda não mudaram nada, então vão mudar mais o quê. Se ouvi que estão a monopolizar o poder para família. (27 anos de idade, no ensino superior)

A situação na qual está envolvido o autor deste depoimento, reflecte um outro sentido tomado pela relação antagónica entre o jovem e a liga, mais especificamente, segue um sentido negativo

do antagonismo. Este discurso demonstra um espírito céptico e radical em relação a toda actividade política assumida pelo jovem no sentido de não depositar confiança nas promessas feitas, o que faz com reclame o direito de levar uma vida apartada desta realidade.

Ocorre a generalização da visão céptica em relação a todos os políticos incluindo as actividades desenvolvidas pela LJMDM. Nas páginas anteriores chamamos atenção para a necessidade de olharmos para as acções desta agremiação, como práticas discursivas políticas porque é assim que os nossos entrevistados a concebem. A categoria de jovem como actor de mudança recebe a mesma conotação negativa, aparecendo, para o entrevistado, como uma promessa cuja realização está longe de ser materializada.

O espaço de auto-realização autónoma reclamada pelo jovem é o de consumo, pois, este é aquele cuja referência para a construção de sua identidade juvenil é o consumo. Assim, o consumo não pode ser visto como um comportamento a parte da política, mas sim como a manifestação de uma posição assumida dentro do quadro político. Millis (1995 apud Goidanich, 2004) afirmou, numa das suas análises, que o consumo reflecte em muitas situações não uma alienação como se tem procurado demonstrar, mas sim, uma forma de construção de consciência de cidadania de pensamento crítico, levando a um aparente desligamento político pela reprovação que se faz das regras do sistema político.

Os jovens podem consumir como refúgio do desgosto, experimentado na vida colectiva da sociedade, podem consumir como manifestação da crítica à política, enveredando pela auto-realização individual ou do seu grupo de pertença, mas longe do domínio político. Deste modo, a falta de uma acção política reflecte uma verdadeira acção política crítica. Podemos dizer que se trata de presença na ausência, onde a falta de resposta visivelmente política revela a presença de uma verdadeira acção política.

Para este caso, o processo de categorização da LGMDM, levou a uma situação de choque irreconciliável pelo facto de ter do outro lado, jovens que cavam trincheiras na luta contra os políticos, massificando todas as práticas de mobilização política. Os jovens incluídos nesta categoria nem se filiam formalmente a liga, nem interiorização a categoria de jovem actor de mudança. Ao contrário, rejeitam esta categoria reforçando a sua subjectividade construída a partir da moda.

Ao longo deste capítulo, discutimos com base na reacção dos jovens em relação à categorização levada a cabo pela LJMDM, como forma de ver a relação entre estes actores políticos. O que nos permitiu verificar três sentidos tomados por esta relação antagónica. O primeiro sentido reflecte a uma filiação formal sem que ocorra a interiorização da categoria de jovem actor da mudança, no segundo ocorre a interiorização desta categoria e no terceiro ocorreu a rejeição da filiação, como da categoria de jovem actor da mudança.

Considerações finais

Desenvolvemos este trabalho com o objectivo de explorar a categorização dos jovens no campo político, por parte das agremiações políticas na nossa sociedade, onde tomando como caso a LJMDM e as reacções que estes adoptam face a prática. No trabalho partimos do postulado segundo o qual os discursos políticos incidem sobre jovens que assumem posições cada vez mais críticas dentro do campo político.

Este pressuposto fez com que, como forma de responder ao problema coloca, afirmássemos como hipótese, que as agremiações juvenis partidárias construam uma categoria social de jovem passivo, o que faz com que ao longo do processo de categorização entrem em relações antagónicas com os jovens que pretendem abranger resultando na sua rejeição. Os dados recolhidos permitem-nos tirar algumas ilações no que tange a validação desta resposta antecipada.

Os dados referentes a categoria de jovem revelam que a LJMDM, como uma agremiação política partidária, constrói um jovem actor da mudança que tem como papel desenvolver práticas que promovam mudanças dentro da sociedade de modo a conduzir a uma realidade melhor. Para além desta ser uma categoria construída e justificada com referência ao passo, remete a realidade futura, reflectindo um espírito utópico cuja necessidade de materialização mobiliza práticas discursivas concretas.

Nos jovens, as categorias construídas vão de jovem que reproduz os programas políticos e sociais, passam pela de jovem como reproduz da moda, com a finalidade de se integrar socialmente, até a de jovem com consciência crítica, que assume uma posição de desconfiança em relação a sociedade. Ao longo das suas relações quotidianas, estas categorias são confirmadas e conservadas com base nas interacções sociais que têm lugar nos grupos de pares, nos programas e projectos sociais, reforçando a posição que assumem na relação com a LJMDM.

Esta relação é intermediada por práticas discursivas, levadas a cabo por jovens da LJMDM. Estes cooperam com outros jovens em diferentes actividades, prestam assistência em advocacia, na formação de associações juvenis e mobilizam com recurso a mensagens de sensibilização, consciencialização e convite para a filiação partidária. Em todo este processo de categorização, a

meta é fazer com os jovens adiram a categoria de jovem como actor de mudança social. Todavia, o seu alcance depende da forma como os visados interpretam estas práticas.

Os dados revelaram-nos que os jovens podem reagir de diferentes formas. Alguns optam por adquirir o cartão de membro do partido, sem se identificarem com a sua filosofia, optando por conservar a sua identidade anterior. Esta realidade leva-nos a considerar que nos jovens filiados à LJMDM, nem todos se identificam com a sua visão do mundo e nem orientam a sua conduta com os princípios transmitidos. Estes estão, na verdade, a representar um papel, o de membro fiel a instituição partidária.

Outros jovens reagem de uma forma mais positiva e sincera ao afirmarem que encontram na categoria do jovem actor de mudança um quadro de referência com base no qual podem construir sua identidade de orientarem as suas acções. Mas, nem todos destes fazem parte das estatísticas da LJMDM, no que tange aos seus membros. Este dado demonstra que existem jovens que se identificam com a filosofia do partido, mas que não sentem a necessidade de se tornarem membros, sendo suficiente agir em harmonia com ela.

Outros jovens, ainda, mais reais e radicais em relação as práticas da LJMDM, rejeitam quaisquer práticas de categorização política, seja de que partido for. Os jovens que tomam posição demonstram uma visão geral de todo o panorama político, não se diferenciando em função da cor partidária. Deste modo, os jovens da agremiação política analisada encontram ideias já construídas com base nas quais são classificados.

Deste modo, a forma como a LJMDM categoriza o jovem, influencia na forma como se relaciona com os jovens no campo político, mas esta influência é condicionada por outros factores cujo controlo não depende só da sua racionalidade política, pois, constituem factores micro e macro estruturais que transcendem sua situação de partido. Esta relação sofre interferência das experiências dos jovens, seus interesses, objectivos, convicções, crenças e valores, sofre, ainda, interferência do próprio funcionamento do sistema político nacional, que pode ser responsável pelo descrédito manifestado por alguns dos jovens entrevistados. Porém, o peso de cada um destes factores pode ser devidamente medido em estudos separados. Afinal, nenhum estudo, por mais abrangente que procure ser, pode esgotar a complexidade da realidade, visto que, tudo se relaciona com tudo, como reza um dos princípios da dialéctica,

Não tínhamos a pretensão de esgotar a realidade em análise. Apenas, colocamos mão de algumas categorias sociais de jovem, como um dos factores que pode influenciar na relação entre jovem e as agremiações partidárias, afinal o que está em jogo é o quadro de referência que é actualizado continua e constantemente, num processo dialéctico entre aqueles que procuram definir os outros e este o autor que reclama para si o direito de se autodefinir.

Muitos pontos ficaram soltos por explorar, alguns dos quais podem ser propostas para estudos mais aprofundados. Referindo-nos apenas alguns, podemos mencionar a questão levantada, sobre a filiação formal, onde se pode explorar a representação do “Eu” que os jovens fazem para parecer membro de um partido enquanto não se identificam com ele. Podemos mencionar, ainda, a questão da consciência utópica identificada na LJMDM.

Referências bibliográficas

AMARAL, Márcio de Freitas do. Culturas juvenis e experiência social, modos de ser jovem na periferia, Porto Alegre, 2011.

ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de. Avaliação da técnica de amostragem “respondent-driven sampling” na estimação de prevalências de doenças transmissíveis em populações organizadas em redes complexas, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009.

ANDRADE, Maria Margarida De. Introdução à metodologia do trabalho científico, 7^a ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ANDRÉ, José Gomes. O conceito de antagonismo na filosofia política de Kant, Trans/Form/Ação, Marília, v. 35, n° 2, 2012, 31 – 35pp.

AUGUSTO, Nuno Miguel. A juventude e a(s) política(s): desinstitucionalização e individualização, Revista Crítica de Ciências Sociais, 2008, 155-177pp,

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault, Vol. 6, n° 2, 2013.

BAUDRILLARD, Jean. A Sociedade de Consumo. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade; tradução de Floriano de Souza Fernandes, 33^a ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

_____. A construção social da realidade; tradução de Floriano de Souza Fernandes, 23^a ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BIZA, Adriano Mateus. Jovens e associações em Moçambique: motivações e dinâmicas actuais, São Paulo: Saúde Soc., v. 18, n. 3, 2009, 382-394pp,

_____. Associações de jovens, Estado e política em Moçambique – da herança a novos desafios (1975-2004), In: IESE. Desafios para a investigação social e económica em Moçambique, Maputo, 2007.

BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

CASTEL-BRANCO, Carlos Nuno. Protecção social: abordagens, desafios e experiências para Moçambique, Maputo: Edição IESE, 2010.

CASTRO, Elisa Guaraná. Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural, Rio de Janeiro, 2005.

_____. Processo de Construção da categoria juventude rural como actor político: participação, organização e identidade social, Rio de Janeiro, 2005.

COULON, Alain. Etnometodologia, tradução Ephrain Ferreira, Pretópolis, 1995.

ESTEVES, L. C. G. e ABRAMAVAY, M. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas, In: ABRAMAVAY, Mirian et al, Juventudes: outros olhares sobre a diversidade, 1ª Ed., Brasília: Coleção Educação para todos, 2007.

FALEIROS, V. de Paula. A Política Social do Estado Capitalista. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 1979.

FOUCAULT, Michel. Soberania e Disciplina. In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1960.

_____. Genealogia e Poder. In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade, tradução de Raul Fiker, São Paulo, Editora UNESPE, 1991

GOIDANICH, Maria Elisabeth. Os discursos sobre o consumo consciente/crítico/político: divergências na academia e na sociedade civil, *COMINION2014*, São Paulo: PPGCOM ESPM, 2014.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GONZALES, Zunleika Köhler e GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Discursos sobre juventude e práticas psicológicas: a produção dos modos de ser jovem, Brasil: Rev.latinoam.cienc.soc.niñezjuv, 2008.

JOHNSON, Allan. G. Dicionário de sociologia: guia da linguagem sociológica, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

KRESS, G. VAN LEEUWEN, T. Discurso Multimodal: os modos e mídia da comunicação contemporânea. Londres: Arnold, 2001.

MAIA, Rui Leandro. Dicionário de sociologia: dicionários temáticos, Portugal: Porto Editora, 2002.

MANNHEIM, Karl. Ideologia e utopia, 4^a ed., Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 1982.

_____ Sociologia do conhecimento, vol. 1, Rés, tradução Maria da Graça Barbedo, Portugal, 1951.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La Juventud es Mas que una Palabra. In: MARGULIS, M. (Ed.). La juventud es más que una palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MENDONÇA, Daniel de. Antagonismo como identificação política. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, 2012, 205-228pp.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos, Análise Social, vol. XXV, 1990, 139-165pp.

POULANTZAS, Nicos. As classes sociais. São Paulo: Estudos CEBRAP, 1973, 3: 5-39pp.

QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. V. Manual de investigação em ciências sociais, Lisboa: Gradim – Publicações, 1992.

RODRIGUES, Hila. Juventude e políticas públicas na América Latina e Europa: diferentes olhares, diferentes acções. Teoria e Sociedade, nº 6, 2008, 174 – 215pp.

TEXEIRA, Elizabeth. As três metodologias: acadêmica, científica e da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2005.

TOURAINÉ, Alain. O retorno do actor: ensaio de sociologia. Tradução de Armando Pereira da Silva, Lisboa: Instituto Piaget, 1984.

_____. Crítica da modernidade. Tradução de Guilherme João de Freitas Edel, Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

WELLER, Wivian. Mannheim: um problema da sociologia da juventude. XIII Congresso brasileiro de sociologia, Recife (PE), 2007.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planeamento e métodos, 3^a ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Anexo

GUIÃO DE ENTREVISTA

Este guião foi destinado aos jovens que tenham sido alvos directos das práticas discursivas da Liga da Juventude do partido político Movimento democrático de Moçambique (MDM)

I. Dados sócio-demográficos

1. Idade
2. Sexo
3. Estado civil
4. Nível de escolaridade
5. Profissão
6. Residência

II. Construção da categoria de jovem

1. O que é ser jovem para si?
2. Quais são as características de um jovem?
3. Como é que identificas um jovem nas suas relações?
4. O que é que tens feito para se construir como jovem?
5. Qual é a fonte de inspiração para te construíres como jovem?
6. Qual é sua opinião quanto as diferentes definições de jovem que tens ouvido?
7. Quem o jovem que não gostarias de ser? (justifique)

III. Reacção dos jovens

1. Quando foi o primeiro contacto que tivestes com os jovens da Liga da Juventude do MDM?
2. Como é que foi esse contacto?

3. Qual é a sua opinião em relação a forma como essa agremiação vem lhe dando com os jovens? (justifique)
4. Como é que procuras responder as acções que os jovens da Liga da Juventude do MDM têm desenvolvido?
5. Quando aparecem os jovens da Liga da juventude do MDM para falar contigo como tens reagido? (justifique)
6. A forma como reages as acções dos jovens da Liga da Juventude do MDM é sempre a mesma? (justifique)
7. Qual é a sua opinião sobre o facto de existir uma associação partidária vira unicamente para lhe dar com os jovens?